



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**O CIRCO: UMA PROPOSTA DE AÇÃO INCLUSIVA EM
EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.**

VIVIANNE FLÁVIA CARDOSO

ORIENTADORA: JULIANA EUGÊNIA CAIXETA

BRASÍLIA/2011



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



VIVIANNE FLÁVIA CARDOSO

**O CIRCO: UMA PROPOSTA DE AÇÃO INCLUSIVA EM
EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão, da
Faculdade UAB/UNB - Pólo de Vitória. Orientadora:
Professora Dr^a Juliana Eugênia Caixeta.

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

VIVIANNE FLÁVIA CARDOSO

O CIRCO: UMA PROPOSTA DE AÇÃO INCLUSIVA EM EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 16/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Professora Dr^a Juliana Eugênia Caixeta (Orientadora)

Professora Mestre Raquel Soares de Santana (Examinador)

Vivianne Flávia Cardoso (Cursista)

BRASÍLIA/2011

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos “pequeninos”,
que com sua alegria são capazes de sacudir o mundo.

Pois com diz Nilton Nascimento na música:

“Bola de Meia, Bola de Gude”

Há um menino

Há um moleque

Morando sempre no meu coração

Toda vez que o adulto balança

Ele vem pra me dar a mão.

AGRADECIMENTOS

Entre palhaçadas, piruetas e cambalhotas, faço uma pausa e curvo-me para agradecer...

a **Deus**, por me permitir fazer parte deste imenso picadeiro que é o mundo, e a **vida** por me instigar a ser curiosa o bastante para transformar dificuldades em desafios!

a **minha família**, que sempre me apoiou e incentivou em todos os momentos, que entendeu com minhas ausências nos finais de semana, **amo todos vocês**.

ao meu **amor, Antônio**, meu marido, meu companheiro e **grande incentivador**, você nunca me deixou desistir, mesmo nos momentos mais difíceis, com as 23:40 de domingo quando já não estava nem conseguindo enxergar direito mais ainda assim ele me incentivava a postar o último trabalho da semana, pois como diz Chico Buarque “Eu já nem lembro “pronde” mesmo que eu vou, mas vou até o fim”;

a minha orientadora **Juliana**, uma pessoa maravilhosa embora só te conheça virtualmente saiba que **foi um presente ter você como orientadora** agradeço pelo seu incansável e permanente encorajamento, pela disponibilidade dispensada em todas as situações e pelas suas sugestões que foram preciosas para a concretização deste projeto;

as professoras que fizeram parte deste projeto sua colaboração e **dedicação** foram muito importante para que este pudesse se concretizar;

a **Priscyla**, minha amiga, minha **companheira** de tantas lutas, minha dupla de CMEI, quantas alegrias e angústias compartilhamos durante este projeto,

aos **“pequeninos”**, como dizer que não seria possível fazer o dia do mini-picadeiro, diante de tanta **alegria e euforia** nos impulsionaram a superar desafios, que todos os dias nos ajudam a construir um escola melhor com suas brincadeiras, sua curiosidade, sua alegria e suas diferenças;

a **todos** que apesar de não terem sido mencionados aqui fizeram parte da minha história em algum momento e me ajudaram das mais diversas maneiras a me tornar o que eu sou. **Muito Obrigada!**

RESUMO

Incluir significa fazer parte, inserir, pertencer a um processo. Na escola, a inclusão significa a inserção das minorias sociais nas classes regulares de ensino. Esta investigação teve por objetivo descrever e analisar processo de inclusão de alunos deficientes nas aulas de Educação Física na educação infantil, realizada durante o trabalho desenvolvido sobre a temática do Circo em uma escola pública de Vitória durante os meses agosto a novembro de 2010. Optamos pela abordagem qualitativa, pois esta tem o foco nas relações humanas buscando compreender os sentidos atribuídos aos sujeitos para sua ação, interpretando-a num contexto social e histórico específico (Bracht e Gomes, 2010). A intervenção foi planejada visando vivenciar com as crianças práticas corporais atreladas a temática do circo do circo de forma lúdica e prazerosa, visando à participação de todos. Durante a intervenção percebemos vários momentos em que a contribuição desta área de conhecimento esteve presente, momentos de cooperação e de ajuda, de mediação, de superação e de aprendizagem por parte dos alunos e da equipe e de certa forma por toda comunidade escolar. Acreditamos que a Educação Física contribui na construção de uma escola inclusiva na medida em que integra pessoas, sentimentos, ações e saberes e fazeres diferentes, quando tece reflexões sobre os significados e sentidos que as ações corporais têm dentro da escola e na vida das pessoas.

Palavras chave: Inclusão Escolar, Educação Física, Cultura corporal de movimento.

SUMÁRIO

DEDICATORIA	iv
AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vi
LISTA DE TABELAS	ix
APRESENTAÇÃO	10
I- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1. Inclusão escolar	12
2. Desenvolvimento humano e aprendizagem na perspectiva histórico-cultural	17
3. Educação infantil, Educação Física e inclusão	21
II – OBJETIVOS	26
III – METODOLOGIA	26
2.1. Contexto da pesquisa	28
2.2. Participantes	28
2.3. Instrumentos	29
2.4. Materiais	30
2.4. Procedimentos de construção dos dados	30
2.4.1. Planejamento da temática: Circo	31
2.5. Procedimentos de análise dos dados	40
IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO	42
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	83
ANEXOS	86

A - Termo de esclarecimento da pesquisa científica (modelo)	86
B - Termo de consentimento do/a participante (modelo)	86
C - Avaliação descritiva do aluno realizada pela professora regente do Grupo 4 A	87
D - Informe Metodológico 2010/2 - Educação Física	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Detalha as professoras participantes	28
Tabela 2: mostra a relação de material para cada conteúdo de intervenção	31
Tabela 3: mostra o cronograma das intervenções	32
Tabela 4: mostra os planos de aula desenvolvidos durante as intervenções	33
Tabela 5: mostra o cronograma das intervenções	45
Tabela 6 – Mostra os planos de aulas com os resultados obtidos e resultados da intervenção considerando o aluno João.	47

APRESENTAÇÃO

Incluir significa fazer parte, inserir, pertencer a um processo. Na escola, a inclusão significa a inserção das minorias sociais nas classes regulares de ensino. Este movimento traz consigo uma série de questionamentos, medos, impasses e discussões, criando dúvidas e certezas, quebrando paradigmas.

Nesse trabalho, discutimos a inclusão de alunos deficientes nas aulas de educação física entendendo que a escola deixa de ser uma instituição social com forte apelo seletivo e passa a ser o lugar em que as potencialidades devem ser vistas, as dificuldades superadas e os resultados disso aproveitados em prol de uma sociedade melhor. Ao contrário de 20 anos atrás, as diferenças na escola são o foco da mediação educacional e, portanto, fonte da discussão contemporânea, exigindo de todos uma nova forma de pensar a educação e de fazê-la, ou seja, uma nova maneira de ensinar, de se relacionar e de avaliar.

A escola é uma importante agência social promotora do desenvolvimento e da construção do saber e a educação. De acordo com PNC (1998), a educação física cumpre essa missão à medida que:

Possibilita aos alunos uma ampliação da visão sobre a cultura corporal de movimento, e, assim, viabiliza a autonomia para o desenvolvimento de uma prática pessoal e a capacidade para interferir na comunidade, seja na manutenção ou na construção de espaços de participação em atividades culturais, como jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças, com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções. Resignificar esses elementos da cultura e construí-los coletivamente é uma proposta de participação constante e responsável na sociedade. (p.15)

Porém, a forma como a educação física é abordada pelos professores pode ser usada para reforçar o processo de seleção e exclusão ou para promover a inclusão de forma a revelar potencialidades, superar dificuldades e como espaço de experimentação prazerosa das práticas corporais.

Meu interesse pela educação física e seu papel na inclusão das pessoas deficientes aconteceu ainda na universidade, onde participei de dois projetos de extensão o primeiro, coordenado pelo Professor Dr. José Francisco Chicon, intitulado “Educação Física Aplicada a Crianças com Necessidade Educativas Especiais” e o segundo, coordenado pelo Professor Leonardo G. Damasceno, “Natação para portadores de deficiência visual”. Já naquela época, pensávamos o processo de inclusão e tínhamos planos para Educação Física na área da educação especial.

Trabalhamos na perspectiva da psicomotricidade e num primeiro momento planejávamos as aulas pensando nos resultados que queríamos alcançar, ou seja, no produto final, como: quais habilidades queríamos desenvolver, qual movimento teria que ser aprimorado e, por outro lado, estávamos preocupados até que ponto conceitualmente este aluno poderia alcançar de sucesso com o que estávamos propondo. Porém, vimos que estes alunos alcançavam resultados além do esperado ou que nossas aulas deixavam a desejar e começamos a enxergar para além do planejado e nos voltamos para o processo: como as aulas se desenvolviam e como nossos alunos poderiam ir além do planejamento e do esperado conceitualmente. A partir deste momento, começamos a ousar mais em nossas aulas, aprendendo com os alunos como eles poderiam apreender.

No dia em que nossa aluna cega nos ensinou como poderíamos mostrar o movimento de braço no nado crawl, percebemos que formávamos uma equipe que poderíamos aprender uns com os outros, pois eles não sabiam nadar e nunca tinham feito aulas de natação; nós, por outro lado, nunca tínhamos ministrado aula de natação para pessoas com baixa visão ou cegas, mas tínhamos o conhecimento de como nadar, faltava, portanto, como ensinar a nadar em diferentes situações, cada um tinha um conhecimento diferente e, naquele momento, precisávamos dos dois grupos, trabalhando juntos para que o projeto desse certo.

Estes projetos que possibilitaram melhor entendimento do deficiente como cidadão e sujeito do seu processo de ensino e aprendizagem, permitiram-me, mais tarde, trabalhar com naturalidade, desenvoltura e muito interesse com estes alunos dentro e fora do processo de inclusão escolar.

Levei tudo que aprendi para minha vida profissional e desde então nunca mais deixei de trabalhar com educação especial. Em 2003, trabalhei na UNAED (Unidade de Atendimento ao Deficiente) que era um sistema de internato onde pessoas deficientes, sem condições socioeconômicas, maltratados ou abandonados, eram acolhidas pelo estado. Entre 2003 e 2006, trabalhei com alunos das séries iniciais e finais do ensino fundamental com inclusão total no sistema de ensino regular. Em maio de 2006, ingressei na prefeitura de Vitória, onde trabalhei na etapa da educação básica da Educação Infantil, atendendo crianças de 6 meses a 6 anos, também na perspectiva inclusiva.

Meu trabalho com a educação básica permitiu-me perceber que nesta etapa da educação o desenvolvimento biológico é muito valorizado. No entanto, para mim e para nós, a influência do ambiente sociocultural neste desenvolvimento é inegável e eu já tinha evidenciado isso nos cursos de extensão em que atuei na graduação. A criança está ampliando seus laços com diversos grupos sociais, experimentando a vida na escola e, portanto, fora da família. Nesse momento, a criança está aprendendo a aprender e pode apresentar comportamentos variados, como: a timidez, pouca movimentação, a fala infantilizada e a falta de limites, por exemplo. Esses comportamentos precisam ser observados e acompanhados a partir da mediação professor/aluno e aluno/aluno, que são mediações fundamentais nesta etapa da educação e em outras também.

Refletindo sobre meu trabalho na universidade, cheguei à conclusão de que a psicomotricidade sozinha já não orientava meu trabalho e aliando minhas inquietações com a proposta de ensino da prefeitura municipal de Vianna e, mais tarde, de Vitória, passei a utilizar a perspectiva histórico-cultural para nortear a construção de minhas aulas. Neste trabalho, o que mais me instiga é como as pessoas aprendem de diferentes maneiras sejam elas deficientes ou não. Passei a questionar e observar as várias formas de intervenção professor/aluno, aluno/aluno e os mais diversos resultados de aprendizagem. Com isto colocado, proponho-me a relatar uma experiência que foi desenvolvida numa escola municipal do Espírito Santo para a promoção da inclusão de alunos deficientes nas aulas de educação física na etapa da educação infantil, apontando possibilidades, desafios e contribuições desta

área de conhecimento na vida escolar destes indivíduos e apontar o papel da educação física para a construção da escola verdadeiramente inclusiva.

I- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Inclusão escolar

O processo histórico de inclusão da pessoa com deficiência na sociedade até o século XVI foi marcado por exclusão e segregação. De acordo com COELHO (2010)

... em relação aos aspectos históricos, as concepções sobre a deficiência são ora explicadas como decorrentes de elementos mitológicos, ora como uma forma da manifestação da ira divina ou possessão demoníaca, ora relacionadas ao desconhecido de doenças que dizimavam populações na Idade Média. Tramam-se, assim, aspectos religiosos e biomédicos para presidir “verdades” e mitos que, até hoje, marcam a exclusão desse grupo de pessoas “diferentes”. Crenças e atitudes individuais, portanto, são forjadas em uma ampla gama de aspectos socioculturais, em uma dinâmica contínua e recorrente ao longo da história da humanidade. (p.59)

Contudo, na Revolução Francesa, surge o ideal de educação para todos e tem início o processo de integração e inclusão e é assim que, no século XVI, tem início a história da educação especial com alguns médicos e pedagogos, acreditando nas possibilidades de indivíduos até então considerados ineducáveis, segundo Mendes (2006):

(...) apesar de algumas escassas experiências inovadoras desde o século XVI, o cuidado foi meramente custodial, e a institucionalização em asilos e manicômios foi a principal resposta social para tratamento dos considerados desviantes. Foi uma fase de segregação,

justificada pela crença de que a pessoa diferente seria mais bem cuidada e protegida se confinada em ambiente separado, também para proteger a sociedade dos “anormais”. Paralelamente à evolução asilar, a institucionalização da escolaridade obrigatória e a incapacidade da escola de responder pela aprendizagem de todos os alunos deram origem, já no século XIX, às classes especiais nas escolas regulares, para onde os alunos difíceis passaram a ser encaminhados. (p. 387)

Na metade do século XX, impulsionada pela montagem da indústria da reabilitação para tratar os mutilados da guerra, começam a proliferar as classes e escolas especiais, podemos dizer que essa atitude de atendimentos especializados era uma resposta mais ampla da sociedade para educação de crianças e jovens com deficiência e, nesse contexto, observamos que a educação especial foi constituindo-se como um sistema paralelo ao sistema educacional geral, segundo Mendes (2006, p.387), “(...) a educação especial foi constituindo-se como um sistema paralelo ao sistema educacional geral, até que, por motivos morais, lógicos, científicos, políticos, econômicos e legais, surgiram as bases para uma proposta de unificação.”

A autora ainda relata que, para além dos argumentos morais, existiam ainda outros dois: um deles seria os fundamentos racionais das práticas integradoras baseadas em benefícios para ambas as partes e outro que se fundamentava na idéia de que os alunos deficientes poderiam se desenvolver muito mais em espaços inclusivos e não segregadores.

Quanto ao primeiro argumento, ele se fundamentava na crença de que os alunos deficientes teriam oportunidade de conviver em um ambiente de aprendizagem desafiador, normalizante, realista que promoveria aprendizagens significativas. Nesse contexto, os colegas não deficientes teriam possibilidade de ensiná-los a aceitar as diferenças, promovendo, na relação com eles, atitudes de aceitação das próprias potencialidades e limitações.

Já o segundo argumento, fundamentado em achados de pesquisas educacionais que provaram que as classes e escolas especiais já não atendiam as necessidades das pessoas com deficiência, defendia a inclusão

completa das pessoas deficientes. Portanto, a meta dos atendimentos educacionais e de saúde deveria ser: desenvolver independência, autonomia, qualidade de vida e desenvolvimento interpessoal visando uma futura inserção social.

A inclusão de pessoas deficientes em classe regular de ensino foi um passo muito importante para o processo de inclusão social de pessoas com deficiência, podemos dizer que é base deste, pois além de possibilitar a convivência destes em uma instituição social, que passa a pensar suas necessidades e possibilidades, eles também terão acesso aos conhecimentos universais adquiridos tão valorizados na nossa sociedade. Entretanto, este é um processo sociocultural recente, que se constituirá na prática e na mudança de postura das pessoas de uma forma geral e dos educadores, de uma forma específica. Todos nós somos agentes do processo da inclusão, portanto, o sucesso dele dependerá de nossas atitudes e significados atribuídos a ele. Acreditamos que se atuarmos de forma pró-ativa, utilizando nossas experiências para superar os desafios, criando oportunidade para que todos se envolvam no sentido de promover a igualdade respeitando e aceitando as diferenças, será possível construir um pratica inclusiva mais assertiva e significativa. Coelho (ano 2010 p. 55) defende que:

Nesse conjunto de aspectos, as questões legais aparecem como suporte orientador e indutor de mudanças, mas não como garantia efetiva da inclusão, já que por si só, leis não garantem mudanças e também não se constituem como condições imprescindíveis para que as mudanças ocorram. Compreende-se que a legislação não deveria ser a primeira etapa do processo, pois deveria ser construída a partir do amplo debate e dos resultados que fossem sendo conseguidos, ou seja, um processo de construção legislativa que equilibrasse orientações: nem o imobilismo da realidade, pois a mudança é desejada e desejável, nem o autoritarismo de decisões que tradicionalmente caracterizam os processos históricos da Educação Brasileira.

Como suporte orientador de mudanças, a legislação cumpre seu papel, como a Declaração de Salamanca (1994), elaborada na reunião internacional de “Educação para todos”, que sistematizou o termo inclusão e procurou reforçar e garantir, em seus parágrafos, o direito das pessoas com deficiência ao ensino regular de qualidade. A Declaração de Salamanca e outros documentos, como a declaração de Guatemala (2001) passaram a organizar as políticas públicas de atendimento às minorias sociais, movimentos que tiveram repercussão, inclusive, no Brasil.

Nesta perspectiva, a lei de Diretrizes e base da Educação Nacional, Lei 9.394/96, regulamenta que a Educação Especial é uma modalidade de ensino oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, como retrata o artigo 58 da Lei 9394/96: **“Art. 58°.** Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.” No entanto, a mesma lei, no seu inciso 2º apresenta uma abertura legal para a continuidade das classes especiais. Isso parece evidenciar a contradição do movimento inclusivo, que não aparece apenas na prática, mas na própria teoria e legislação, como é nesse caso. O inciso 2º, por exemplo, diz que: “O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.” Essa contradição parece refletir a complexidade que a inclusão traz para todos nós, especialmente, no que diz respeito à mudança de concepção sobre como o desenvolvimento humano acontece e como se dá o processo ensino-aprendizagem. Mudar uma mentalidade de exclusão que foi construída há séculos e séculos na história da humanidade é um desafio para cada um/a de nós e para a coletividade social. Por se tratar de uma temática polêmica, entendemos que a lei, pelo menos, aponta possibilidades de mudança que são reais e estão se concretizando pouco a pouco em nosso país.

Ainda sobre legislação, o documento mais recente que temos em nosso país é o documento final da Conferência Nacional de Educação - CONAE (2010) que vem a ser um plano nacional de educação, diretrizes e estratégias de ação. No eixo VI - Justiça Social, Educação e Trabalho: Inclusão, Diversidade e Igualdade trazem o tema Educação Especial que está organizado em 23

propostas que reafirmam o direito de acesso à educação pautado na garantia de condições para a implementação de uma “Política Nacional de Educação Inclusiva”, além de definir como população alvo “pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento [TGD] e altas habilidades/superdotação”. (CONAE, 2010b, p. 134).

Um dos grandes desafios do processo histórico da inclusão educacional é passar do plano legislativo para a implementação de uma prática, para o plano de ação e é isto que o CONAE parece querer garantir. Porém, para nós, educadores, o desafio é grande, lidamos com pessoas e realidades diferentes, e ainda buscamos soluções para nosso dia-a-dia na escola, somos tão protagonistas deste processo quanto os alunos que nos propomos a educar e estamos inseridos em uma sociedade com estigmas e valores muito antigos.

Como educar crianças, jovens e adultos dentro da proposta de respeito as diferenças e na busca por uma sociedade mais justa e igualitária, sendo esta mesma sociedade individualista e competitiva? Esta é uma pergunta que fazemos todos os dias e não temos resposta e o único indicativo que temos é construir isto juntos, atribuindo sentido e significado a esta convivência.

2. Desenvolvimento humano e aprendizagem na perspectiva histórico-cultural

Na perspectiva histórico-cultural, desenvolvimento implica em permanentes transformações, explicadas por múltiplas razões, nunca por uma só. Por outras palavras: não se pode atribuir uma característica humana, como a curiosidade ou a apatia em sala de aula, por exemplo, a uma única causa, seja ela biológica ou ambiental, mas a um conjunto de fatores decorrentes do fluxo de interações entre as características estruturais da pessoa com os diferentes contextos onde ela participa. Desenvolvimento é sempre decorrente desta interrelação (Kelman, 2010, p.13).

Assim podemos dizer que o desenvolvimento nasce das diferenças que surgem do encontro de pessoas, conhecimentos, formas de ver e pensar o mundo, e estes encontros muitas vezes impulsionam a aprendizagem que por sua vez aciona vários processos de desenvolvimento que sem este estímulo poderiam não vir a acontecer. (VYGOTSKY 1994)

Na perceptiva histórico-cultural, a cultura tem papel fundamental no desenvolvimento humano. Somos preparados por nossa herança cultural e biológica para usar a linguagem, para aprender uns com outros e isto foi construído historicamente e é por isto que a convivência com nossos pares é tão importante para nosso desenvolvimento.

Na primeira metade do século XX, Vigotski (1994) desenvolve o que chamamos de perceptiva histórico-cultural trazendo um novo e fundamental elemento que é o papel que a cultura, a sociedade e a história exercem na formação da mente humana.

Sua teoria é composta por quatro conceitos fundamentais:

a) internalização, que transforma as experiências intersubjetivas em intrasubjetivas: do externo, social, para o interno, mental onde a relação entre as pessoas induz um processo de internalização;

b) mediação que se estabelece na interação do homem com o ambiente pelo uso de instrumentos e signos. Os sistemas de signos (a linguagem, a escrita, o sistema de números), assim como o sistema de instrumentos, são criados pelas sociedades ao longo do curso da história humana e mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural.(VIGOTSKY 1994). Os instrumentos oportunizam a transformação da natureza e dos objetos em geral. Por exemplo, o machado é capaz de derrubar uma árvore, com o serrote e pregos, podemos fazer uma cadeira da madeira cortada. Os signos, por sua vez, são instrumentos que transformam os processos mentais. Por exemplo, quando nascemos nossa percepção é difusa, quando bebês, tudo nos chama a atenção, mas, na medida em que vamos crescendo, passamos a prestar mais atenção a alguns eventos que outros, por exemplo, quando estamos na sala de aula, prestamos mais atenção à voz do professor e dos colegas do que aos passarinhos que cantam nas árvores. Isso acontece porque nossa percepção já foi influenciada pela cultura, ou seja, o grupo social em que convivemos nos

ensinou, pela linguagem, que, quando estamos em sala de aula, devemos prestar atenção aos professores e colegas;

c) zona de desenvolvimento proximal definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, ou seja, solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial determinado por meio da solução de problemas com a mediação do adulto, de seus companheiros e por fim, a relação entre aprendizagem e desenvolvimento no qual ele revela o processo pelo qual as crianças acessam o mundo intelectual do adulto, sua teoria ressalta a importância da mediação de um sujeito mais experiente exercem no processo de aprendizagem do sujeito. (VIGOTSKI, 1994).

Ele ainda ressalta a importância do brinquedo infantil que pode criar zonas de desenvolvimento proximal.

Segundo Vigotski (1994, p. 109): “É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de numa esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos”.

Assim, brincando, a criança consegue acessar conhecimentos que ainda estão a caminho e que não consegue realizar com autonomia, construindo, compartilhando e significando o mundo. Um aspecto essencial da aprendizagem é criar zonas de desenvolvimento proximal, que despertam vários processos internos de desenvolvimento que depois se tornam internalizados fazem parte do repertório de conhecimentos independentes da criança. Para Vigotski (1994, p. 101), “o aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer”.

Quando falamos de inclusão de pessoas deficientes, o que temos que fazer é descobrir como promover zonas de desenvolvimento proximal que estimulem estas crianças a adquirir e formar o pensamento abstrato. Sabemos que a mediação do mais experiente impulsiona o desenvolvimento do menos experiente. Neste contexto, a escola aparece como a instituição social privilegiada e responsável por promover este encontro com as mais diversas áreas do conhecimento. Na escola, crianças, adolescentes e jovens terão contato com os conhecimentos universalmente adquiridos, através da

mediação do mais experiente e terão, por sua vez, oportunidade de internalizar e construir seu próprio saber sobre o saber coletivo. A escola trabalha com o processo de ensino/aprendizagem, ou seja, com a mediação intencional que promove os processos de aprendizagem e, conseqüentemente, o desenvolvimento dos alunos. Porém, neste processo, encontramos inúmeros desafios que podem e devem ser contornados com a contribuição dos mais diversos atores sociais: pais, professores, alunos entre outros.

A escola, além de oferecer um ambiente estimulador, deve estar atenta, por meio da ação dos educadores, aos seus alunos e às necessidades deles, aos conflitos e crises, à forma com que eles aprendem uns com os outros, a fim de facilitar a mediação e promover ZDPs para que eles possam passar do pensamento concreto ao abstrato.

No contexto escolar, podemos nos deparar tanto com a cooperação e convergência de significados como com as situações problemas e conflitos. Ambas as situações são oportunidades para promover o desenvolvimento, porém utilizar o conflito como forma de intervenção pedagógica pode ser muito produtivo se considerarmos as força dos momentos de crise na constituição das potencialidades humanas, segundo Ribeiro; Mieto & Silva (2010)

Introduzir o conflito, enquanto modo de intervenção pedagógica é uma forma de desencadear zonas de desenvolvimento proximais. Essa estratégia pedagógica – se bem direcionada – pode vir a resultar em novas aprendizagens e, conseqüentemente, em novas possibilidades de desenvolvimento por parte dos educandos de um modo geral. (p.200)

No processo de intervenção, o que acontece é que, às vezes, ficamos tão preocupados com os resultados que nos esquecemos do processo, e é no processo de aprendizagem que reside à chave para o sucesso, o quanto aquele conhecimento é significativo para o indivíduo e que determinará se ela fará parte do seu repertório de conhecimento independente.

Os conflitos, a cooperação, a ajuda são situações sociais que se apresentam como oportunidade para aprendizagem e desenvolvimento do educando. Na

educação física, os alunos, a todo momento, são desafiados a competir e a resolverem conflitos que emergem da convivência e da própria vivência dos jogos e esportes típicos da disciplina e da área de conhecimento.

A Educação Física deve ter atuação marcante na escola de uma forma geral porque possibilita o ensino de atitudes que não aparecem de forma tão evidente em outras disciplinas escolares. Além disso, mais que uma disciplina, a educação física é uma área do conhecimento que possibilita a reflexão e a concretização de mediações específicas na escola que se relacionam a valores e atitudes próprios de si, do grupo e da cultura de uma forma geral.

3. Educação infantil, Educação Física e inclusão

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (LDB, 1996, Art.29º).

Nesta etapa, a criança está começando a se relacionar com um grupo social fora da família, está aprendendo a aprender e pode apresentar comportamentos variados, como timidez, pouca movimentação corporal, fala infantilizada e falta de limites. Neste contexto, a escola pode atuar, auxiliando a criança no processo de socialização fora da família. Compreender, conhecer e reconhecer a forma particular das crianças serem e estarem no mundo é um dos grandes desafios da educação infantil que podem ser cumpridos se pais, professores e escola em geral estiverem atentos às especificidades da criança, nos seus diferentes contextos de interação.

No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem idéias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de

um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação. (RCNEI¹,1998, p.21)

Para Palangana (2001), em função das variações históricas e dos contextos sociais que determinam as diferentes oportunidades abertas a cada indivíduo não é possível admitir um esquema universal que represente adequadamente as relações dinâmicas entre o desenvolvimento biológico, que Vygotsky e Piaget chamam de maturação, e a interação social no processo de desenvolvimento, pois embora os sistemas funcionais de aprendizagem de uma criança sejam semelhantes aos de outra, não podemos considerá-los como idênticos, pois existem as peculiaridades históricas e sociais, as condições e oportunidades que se colocam para cada uma delas e, dependendo dos instrumentos de pensamento disponíveis a cada criança, suas mentes terão, por consequência, estruturas diferentes.

Reconhecer que cada criança é única, seja ela deficiente ou não, é o primeiro passo para nos tornarmos professores qualificados para trabalhar em uma escola inclusiva. Avanços no pensamento sociológico, filosófico e legal, exigiram mudanças no sistema educacional brasileiro e o abandono de práticas segregacionista em prol de uma escola inclusiva.

É considerada Escola Inclusiva aquela que abre espaço para todas as crianças, abrangendo aquelas com necessidades especiais. O principal desafio da Escola Inclusiva é desenvolver uma pedagogia centrada na criança, capaz de educar a todas, sem discriminação, respeitando suas diferenças; uma escola que dê conta da diversidade das crianças e ofereça respostas adequadas às suas características e necessidades, solicitando apoio de instituições e especialistas quando isso se fizer necessário (RCNEI, 1998, p.36)

¹ Referencial Curricular Nacional Curricular para Educação Infantil

Esta escola inclusiva é formada por pessoas, tempos e espaços e áreas de conhecimento diferentes, aqui trataremos da Educação Física, que está inserida na escola como área de conhecimento da cultura corporal de movimento. Cultura corporal são todas as manifestações corporais humanas que são geradas na dinâmica cultural, são conhecimentos historicamente acumulados e socialmente transmitidos. (COLETIVO DE AUTORES; PCN EF, 1992, 1998.)

O movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento humano. Este se constitui em uma linguagem que permite as crianças atuarem sobre o ambiente humano. Segundo o RCNEI (1998[Vol. 3], p. 18)

O movimento para a criança pequena significa muito mais do que mexer partes do corpo ou deslocar-se no espaço. A criança se expressa e se comunica por meio dos gestos e das mímicas faciais e interage utilizando fortemente o apoio do corpo. A dimensão corporal integra-se ao conjunto da atividade da criança. O ato motor faz-se presente em suas funções expressiva, instrumental ou de sustentação às posturas e aos gestos²

O movimento faz parte das interações sociais do ser humano, as mais variadas formas de movimentar-se têm sido construídas em função das diferentes necessidades, interesses e possibilidades corporais humanas dentro de um contexto cultural em diversas épocas da história. Segundo o Coletivo de Autores (1992)

É fundamental para essa perspectiva da prática pedagógica da Educação Física o desenvolvimento da noção de historicidade da cultura corporal. É preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Todas essas atividades corporais foram construídas em

² Esta concepção foi desenvolvida pelo psicólogo francês Henri Wallon (1879-1962).

determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas (p. 27)

A Educação Física escolar deve dar oportunidades a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos. Cabe assinalar que os alunos com necessidades especiais não podem ser privados das aulas de Educação Física (PCN Educação Física, 1998, p.29).

Quando falamos de inclusão nas aulas de Educação Física, devemos estar atentos para que todos tenham as mesmas oportunidades, nem sempre terão as mesmas experiências, mas as mesmas chances de participar. Por isto, uma aula inclusiva deve dar oportunidades a todos os envolvidos de realizar a atividade, neste caso, atividade física, da sua maneira, alguns com mais desenvoltura; outros com um pouco de dificuldade, ainda tem quem necessite de uma mediação mais direta ou de cooperação dos outros indivíduos, pois afinal temos habilidades diferentes, alguns gostam de jogar futebol e basquete e se saem muito bem nestas modalidades, porém não gostam de ginástica ou dança e vice e versa.

Além das habilidades acionadas, devemos levar em conta as vivencias de sucesso ou de frustração relacionadas a elas, as emoções que elas despertam nas pessoas, o prazer, os processos intelectuais que esta pessoa precisa acionar ao realizá-las. “A educação, de modo geral, e a escolar, em particular, tem por objetivo a formação de disposições intelectuais, emotivas e corporais da pessoa” (LOVISOLO 1999 p.101). O autor ainda conclui que:

Posso agora afinar minha afirmação de que a educação física escolar deve estar articulada e integrada com o projeto da escola. A integração implica que no trabalho singular e específico com o corpo inventemos as formas, os caminhos de *como* trabalharmos com as emoções e o

intelecto, em condições que demandam a formação na cultura científica, a formação de emoções morais e corpos satisfeitos em sentirem que a vida, com seus ciclos de ordem-desordem-ordem, neles está com força. Diria que o educador físico deve ajudar na construção da emoção de sentirmos a potência da vida no próprio corpo. Esta, talvez, seja sua singularidade. (LOVISOLO 1999 p. 102)

Objetivando a formação de disposições intelectuais, emotivas e corporais o aluno deficiente deve ser atendido em suas necessidades e desafiado em suas potencialidades como todas as outras crianças, pois o objetivo das aulas de educação física é a inclusão do aluno na cultura corporal de movimento por meio da participação e reflexão, de um conjunto de vivências que contribuam para seu desenvolvimento global. Com isso, revertemos o quadro histórico de seleção dos indivíduos aptos e inaptos para as práticas corporais.

II – OBJETIVOS

Objetivo Geral

Descrever e analisar o processo de inclusão de alunos deficientes nas aulas de Educação Física na educação infantil que foram realizadas em uma escola pública de Vitória durante os meses agosto a novembro de 2010.

Objetivos específicos

Descrever e analisar as várias formas de mediação professor/aluno e aluno/aluno utilizadas nas aulas de educação física pela equipe de Educação Física da escola Colibri no processo de inclusão de João que tem síndrome de Down e sua contribuição para o aprendizado destes alunos.

Descrever e analisar possibilidades e desafios de intervenção para inclusão dos alunos deficientes nas aulas de Educação Física a partir da experiência relatada no objetivo geral

Analisar contribuições da educação física para a construção da escola inclusiva.

III- METODOLOGIA

A presente investigação teve por objetivo descrever e analisar uma intervenção realizada em uma escola municipal de Vitória nas aulas de Educação Física na Educação Infantil. Para tanto, optamos por uma abordagem qualitativa, pois esta tem o foco nas relações humanas buscando compreender os sentidos atribuídos aos sujeitos para sua ação, interpretando-a num contexto social e histórico específico (Bracht e Gomes, 2010). Além disso, na abordagem qualitativa, a produção do conhecimento, seus significados e sentidos emergem da interação entre o objeto de estudo, as teorias, o pesquisador e os participantes da pesquisa (Caixeta, 2006).

Para Branco e Valsiner (1997 apud RAPOSO & MACIEL, 2010), a metodologia é um processo cíclico que envolve a teoria, o fenômeno, a intuição e visão de mundo dos pesquisadores envolvidos (ver figura 1).

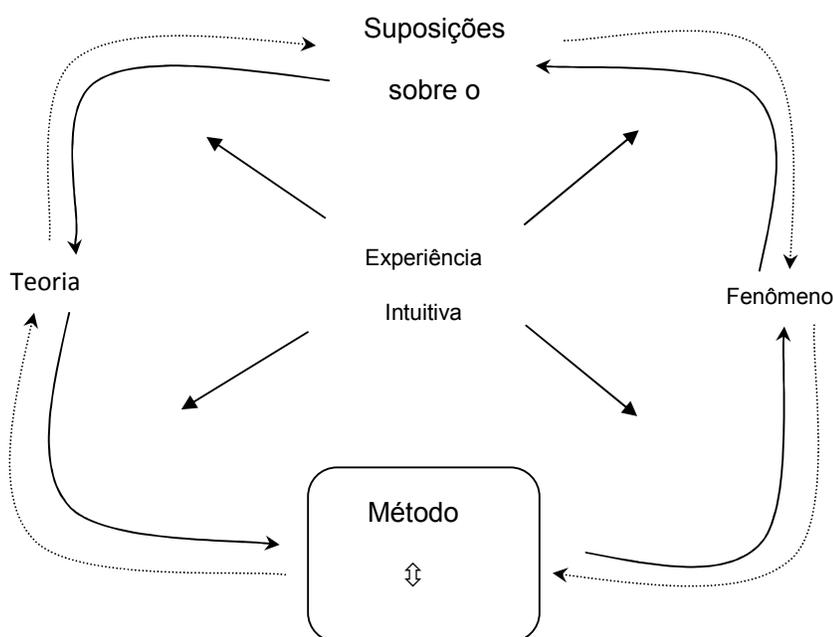


Figura 1: Metodologia como processo cíclico (Branco & Valsiner, 1997, p. 39; 1997 apud RAPOSO & MACIEL, 2010, p.79).

Por ser um processo cíclico, os pesquisadores, ao delinearem a pesquisa, devem levar em conta a flexibilidade do uso das técnicas. Nesse trabalho, realizamos a união da abordagem qualitativa de pesquisa com a pesquisa-ação

em um estudo de caso. Na área educacional, a pesquisa-ação tem a tarefa de promover melhoras qualitativas nos diversos processos que acontecem na escola. Os professores e pesquisadores trabalham juntos e se valem desta tecnologia metodológica para, a partir de um problema, planejarem, implementarem, descreverem e avaliarem processos pedagógicos mais ou menos amplos (Tripp, 2005). Assim, a escolha da temática do Circo nasceu da necessidade de aprimorar as aulas de educação física para a educação infantil. Por ser uma pesquisa-ação, com foco na abordagem qualitativa, utilizaremos a técnica da triangulação (Triviños, 1987 apud POZZEBON & FREITAS, 1998). Esta técnica permite dirigir nosso interesse aos processos e produtos centrados nos participantes, averiguando as percepções deles, mediante entrevistas e questionários, e os comportamentos e ações do sujeito, na observação livre; além dos elementos produzidos por eles nas suas ações, nesse caso, nas aulas de educação física.

Assim, através do relato da experiência do trabalho realizado sobre o Circo, pretendemos descrever e analisar as contribuições da Educação Física, como área de conhecimento da cultura corporal de movimento, na inclusão de alunos deficientes no contexto da educação infantil.

2.1. Contexto da pesquisa

A presente investigação é de natureza qualitativa e trata-se de um estudo de caso, na área de Educação Física, que foi desenvolvido no ano de 2010 em um Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI na cidade de Vitória, Espírito Santo. Esta escola atende cerca de 280 crianças na faixa etária de seis meses a cinco anos por turno. A equipe da escola conta com 100 profissionais ao todo, destes 4 são professores de educação física: dois lotados no turno matutino e dois no turno vespertino. A pesquisa apresentará dados construídos pela experiência de trabalho na temática do Circo, ocorrido no turno matutino.

2.2. Participantes

A turma participante foi o grupo 4A, em que João³ estava matriculado. João tem síndrome de Down. O grupo 4A continha 25 crianças, todas na faixa etária

³ Nome fictício

de 4 anos. As aulas de educação física aconteceram nas segundas (aula de 50 minutos) e nas quartas- feiras (aula de 01hora e 40minutos).

A escolha da turma foi baseada nos seguintes critérios:

- a) permanência da professora na escola;
- b) permanência do aluno com síndrome de down na escola;
- c) turma em que a pesquisadora ministrava a maior quantidade de aulas por semana: duas vezes.

Uma estagiária, aluna do curso de pedagogia, contratada pela Prefeitura Municipal de Vitória para acompanhar João durante sua jornada escolar.

Participaram, também, uma professora de Educação Física que atuava no turno matutino, a professora regente da turma 4 A e a pesquisadora, que também atuou como mediadora das atividades em sala de aula.

Tabela 1 – detalha as professoras participantes.

Professora	Professora 1	Professora 2	Pesquisadora
Formação	Pedagogia	Educação Física	Educação Física
Função	Professora Regente	Professora de Educação Física	Pesquisadora
Especialização	_____	Educação Física para Educação Básica CEFD/UFES	Esportes: Bases do treinamento CEFD/UFES
Turma que lecionava/mediava	4 A	Todas as turmas	4A
Tempo de escola	5 anos	2 anos	2 anos
Quanto tempo trabalha com inclusão e classe regular de ensino	7 anos	4 anos	6 anos

2.3. Instrumentos

Foram desenvolvidos os seguintes instrumentos para a construção de dados: Termo de esclarecimento e consentimento que se encontra no anexo A e B, o diário de campo, os planos de aula, vídeos e fotos das aulas, a avaliação descritiva do aluno realizada pela professora regente que se encontra no anexo

C, relatório do conselho de classe e o informe metodológico é um informe resumido produzido no segundo semestre pela Equipe de Educação Física do que foi trabalhado naquela turma durante o semestre. Este informe é entregue aos pais junto com a avaliação da professora regente no dia do Plantão de Pais (ver anexo D).

Foram elaborados dois questionários: um para a professora regente que atuava no grupo participante da pesquisa e outro, para professora de Educação Física que participou da pesquisa. Os questionários foram elaborados a partir dos objetivos do estudo. A seguir, apresentamos os questionários:

QUESTIONÁRIO - PROFESSORA REGENTE

- 1) Há quanto tempo você trabalha nesta escola?
- 2) Há quanto tempo você trabalha com inclusão e classe regular de ensino?
- 3) Você poderia descrever como é o relacionamento do João com a professora, os colegas e a estagiaria em sala de aula?
- 4) E no pátio?
- 5) Em sua opinião qual o contribuição da Educação Física no processo de inclusão do aluno deficiente, no nosso caso João, no ambiente escolar?

Formação

Curso superior

Especialização, Mestrado, Doutorado

Você já fez algum curso de formação específica sobre inclusão?() Sim () Não

QUESTIONÁRIO – PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

- 1) Há quanto tempo você trabalha nesta escola?
- 2) Há quanto tempo você trabalha com inclusão e classe regular de ensino?
- 3) Você poderia descrever como é o relacionamento do Henry com a professora, os colegas e a estagiaria nas aulas de Educação Física?
- 4) Em sua opinião qual o contribuição da Educação Física no processo de inclusão do aluno deficiente, no nosso caso o Henry, no ambiente escolar?

Formação

Curso superior

Especialização, Mestrado, Doutorado

Você já fez algum curso de formação específica sobre inclusão?() Sim () Não

2.4. Materiais

Utilizamos também os seguintes materiais: uma máquina fotográfica, lápis, caneta, um caderno para anotações e uma pasta com folhas para notas, além de todos os materiais utilizados durante as aulas (ver tabela 2).

2.4. Procedimentos de construção dos dados

2.4.1. Planejamento da temática: Circo

No segundo semestre de 2010, as professoras de educação física do turno matutino, incluindo a pesquisadora, se reuniram para planejar a intervenção que seria realizada naquele semestre. Nesta reunião, ficou decidido que nossa proposta de trabalho seria vivenciar com as crianças práticas corporais atreladas a temática do circo, vivenciando a cultura circense nas aulas de Educação Física, esta temática faz parte do plano de trabalho elaborado pela Equipe de Educação Física da escola no ano de 2009 e estava inserida no eixo manifestações rítmicas e culturais.

Partindo da temática do Circo, levantamos os objetivos a serem alcançados, com este trabalho, para cada turma e para o grupo 4 A. Apresentamos a seguir:

- conhecer as diversas manifestações culturais produzidas no circo
- conhecer a cultura corporal de movimento produzida no Circo
- vivenciar as diversas manifestações culturais de movimento presentes no circo
- desenvolver habilidades e estimular as capacidades físicas,
- promover o respeito às diferenças,
- promover um ambiente de cooperação e inclusão buscando superação das dificuldades e o desenvolvimento das potencialidades de todos envolvidos,

Passamos então aos conteúdos que seriam abordados dentro desta temática a partir dos elementos que compõem o circo. Listamos os 12 conteúdos que seriam possíveis de serem trabalhados com esta faixa etária: Circo - definição e exploração do saber das crianças, cambalhota, equilíbrio Corporal, equilíbrio de objetos, Perna de Pau, Pé de lata, malabarismo, através da estória do livro - O palhaço Gergilim trabalhar a caracterização do palhaço e pirueta, movimentos no trapézio e argolas como pegada balanço quedas e posturas estáticas e o balanço de pneu.

Após essa listagem, a pesquisadora e as professoras desenharam o conjunto da intervenção, já pensando nos materiais a serem usados em cada conteúdo, como pode ser visto a seguir:

Tabela 2: mostra a relação de material para cada conteúdo de intervenção

Conteúdo a ser trabalhado	Material a ser utilizado
Circo: definição e exploração do saber das crianças	DVD Xuxa Circo DVD Cirque Du Soleil - Saltimbancos
Cambalhota	Colchonetes, bola de pilates, escada e rampa de espuma.
Equilíbrio Corporal	Tabuas de equilíbrio, cordas, estrado de madeira, pneus, ponte de espuma, rampa de espuma, escada de espuma, tocos de madeiras colorido, calha de madeira.
Equilíbrio de objetos	Pratos, bolinhas de piscina e de tênis, tubos de papelão e PVC coloridos.
Perna de Pau	Perna de pau
Pé de lata	Pé de Lata
Malabarismo	Bolinhas de piscina e de tênis
Através da estória do livro - O palhaço Gergilim trabalhar a caracterização do palhaço e pirueta.	Livro O palhaço Gergilim e tinta vermelha.
Movimentos no trapézio como pegada balanço quedas, e posturas estáticas.	Dois Trapézios e três colchonetes grandes de 2m x 3m tatames de EVA, escada e rampa de espuma.
Movimentos nas argolas como pegada, balanço, quedas, e posturas	Um par de argolas tatames de EVA,

estáticas.	bloco de espuma.
Balanço de pneus	Um pneu, corda e tatames de EVA.

Para a implantação do planejamento, a equipe montou um cronograma a fim de organizar o tempo necessário para abordarmos todos os conteúdos.

Tabela 3: mostra o cronograma das intervenções

	Semana 1	Semana 2	Semana 3	Semana 4
Agosto	Assistir DVD Xuxa Circo	Cambalhotas (para frente)	Cambalhotas (para trás, como bola de pilates, no bloco de espuma).	Cambalhotas Equilíbrio sobre a corda de frete, se lado, de costas <u>Semana 5</u> Vivência nas tábuas de equilíbrio.
Setembro	1º Circuito de equilíbrio. Composto por estado de madeira, pneus, tocos de madeira colorido, calha de madeira, corda, escada, rampa e ponte de espuma os matérias foram dispostos em seqüência formando um circuito.	Pé de lata Perna de pau	Palhaço Gergilim O palhaço Pirueta	Malabarismo Com bolas de piscina e swing polar <u>Semana 5</u> Equilíbrio de pratos, bolinhas de piscina e tênis.
	Assistir DVD Do Cirque Du	Semana da Criança.	Apresentação da pare área do	Pegada balanço

Outubro	Soleil Espetáculo – Saltimbancos		circo. Vivência dos balanços no trapézio, argolas e balaço de pneu.	quedas, e posturas estáticas. No trapézio e nas argolas.
Novembro	Vivência no balanço de pneu, subir, descer, balançar sentado, de pé, sozinho, em dupla.	Pegada, balanço quedas, e posturas estáticas. No trapézio e nas argolas.	Vivencia em todos os elementos estudados de agosto a novembro.	O dia do mini-Picadeiro. Vivência do picadeiro e apresentação junto com toda a comunidade escolar.

As aulas eram planejadas por semana. A equipe se reunia nas terças, quinta e sexta feiras para avaliar a semana que havia passado, planejar a intervenção da semana seguinte e ajustar o planejamento da semana em curso. Segue abaixo o quadro com o planejamento de todas as aulas realizadas durante a intervenção.

Tabela 4: mostra os planos de aula desenvolvidos durante as intervenções

Dia da aula	Tema da aula	Objetivo da aula	Procedimento da aula
Aula 1 04/08//2010	Circo	Saber o que os alunos sabem sobre circo, e apresentar através do DVD Xuxa Circo elementos cambalhotas, o equilibrista e o palhaço	Iniciamos a aula com uma conversa sobre o Circo pra introduzir o assunto, optamos pelo DVD da Xuxa Circo onde poderíamos explorar as cambalhotas, o equilibrista e o palhaço.
Aula 2 09/08//2010	Circo Cambalhota	Vivenciar cambalhota para frente no contexto do circo (cambalhotas)	Sentados na quadra em circulo com o colchonete no meio explicamos o movimento vezes explicamos também que cada um terá sua vez e que quando não for a nossa vez vamos observar o colega faz. A pesquisadora demonstrou o movimento algumas.

Aula 3 11/08//2010	Circo Cambalhota	Realizar cambalhota para frente no contexto do circo (cambalhotas)	Distribuimos vários colchonetes grandes na quadra para que todos tivessem a oportunidade de vivenciar a cambalhota ao mesmo tempo.
Aula 4 16/08//2010	Circo Cambalhota	Vivenciar cambalhota para trás,	Fizemos o rolamento para trás, com auxílio da bola de pilates, e do bloco de espuma.
Aula 5 18/08//2010	Circo Cambalhota	Realizar cambalhota para frente e para trás,	Distribuimos vários colchonetes grandes na quadra para que todos tivessem a oportunidade de vivenciar a cambalhota ao mesmo tempo resolvemos manter como apoio a bola de pilates, e o bloco de espuma.
Aula 6 23/08//2010	Circo Cambalhota Equilíbrio	Explorar cambalhota para frente e para trás, e outras formas de virar cambalhota. Realizar atividades de equilíbrio corporal.	Distribuimos vários colchonetes grandes na quadra para que todos tivessem a oportunidade de vivenciar a cambalhota ao mesmo tempo. Esticamos várias cordas na quadra e pedimos para as crianças passarem sobre ela equilibrando de frente, de costas e de lado.
Aula 7 25/08//2010	Circo Equilíbrio	Explorar o equilíbrio em novas situações com nas tabuas de equilíbrio e sobre a prancha com rolo embaixo.	Em sala de aula a pesquisadora e a estagiária auxiliaram os alunos a realizar o movimento, no segundo momento eles foram orientados a trabalhar em grupo: dois colegas fizeram a segurança enquanto outro colega realizava o movimento os grupos foram revezando.

<p>Aula 8 30/08//2010</p>	<p>Circo Equilíbrio</p>	<p>Explorar situações novas de equilíbrio</p>	<p>1º Circuito de equilíbrio – materiais: estrado de madeira de 3 metros sobre 3 pneus empilhados, blocos de espuma escada, rampa e ponte, corda esticada para passar por cima, tocos de madeira colorido distribuídos e calha.</p>
<p>Aula 9 01/09//2010</p>	<p>Circo Equilíbrio</p>	<p>Resgatar o Pé de lata e</p>	<p>Apresentamos o pé de lata, falamos que um pouco sobre este brinquedo e como ele foi construído.</p> <p>Com auxílio da professora e da estagiaria todos tiveram a oportunidade de experimentar a brincadeira.</p>
<p>Aula 10 06/09//2010</p>	<p>Circo Equilíbrio</p>	<p>Resgatar a Perna de pau</p>	<p>Apresentamos a Perna de Pau, falamos que um pouco sobre este “brinquedo”, como ele foi construído e como ele era usado no circo.</p> <p>Com auxílio da professora e da estagiaria todos tiveram a oportunidade de experimentar a brincadeira.</p>
<p>Aula 11 13/09//2010</p>	<p>Circo O palhaço</p>	<p>Brincar de palhaço Diferenciar cambalhota de pirueta</p>	<p>Juntamos o 4 A e 4 B na quadra, contamos a estória do livro – O palhaço Gergilim, sabia o que era pirueta explicamos a diferença entre pirueta e cambalhota e que pedimos para que eles fizessem piruetas toda vez que a palavra aparecesse na historia.</p> <p>Com tinta vermelha pintamos o nariz do palhaço nas crianças e disponibilizamos um espelho</p>

			para que eles pudessem ver com tinha ficado a pintura.
Aula 12 15/09//2010	Circo Equilíbrio de objetos	Vivenciar o malabarismo com bolas de piscina e com o gira-gira	Juntamos o grupo 4 A e 4B. A pesquisadora e a outra professora de Educação Física mostraram no DVD o malabarismo com bolas, na quadra foram dispostas bolinhas de piscina para que os alunos pudessem vivenciar o movimento. Depois apresentaremos o gira-gira e todos tiveram a oportunidade de vivenciar o movimento.
Aula 13 20/09//2010	Circo Equilíbrio de objetos	Vivenciar o malabarismo com pratos, bolinhas de piscina e tubos de papelão de vários tamanhos, circunferências variadas e peso.	A pesquisadora fez uma demonstração de equilíbrio de pratos depois os materiais foram dispostos na quadra de forma que cada criança decidiu o que queria usar, os alunos foram incentivados pela pesquisadora a experimentar materiais variados.
Aula 14 22/09//2010	Circo Equilíbrio	Explorar novas situações de equilíbrio	2º Circuito de equilíbrio – materiais: estrado de madeira de 3 metros sobre 3 pneus empilhados, blocos de espuma escada, rampa e ponte, corda esticada para passar por cima, tocos de madeira colorido distribuídos e calha, escorregador e bola de pilates. Os materiais foram dispostos de forma diferente do 1º circuito.
Aula 15 29/09//2010	Circo Equilíbrio	Explorar novas situações de equilíbrio	3º Circuito de equilíbrio – materiais: estrado de madeira de 3 metros sobre 3 pneus empilhados, corda esticada

			para passar por cima, equilibrando os pratos em cima dos tubos de papelão.
Aula 16 04/10//2010	Circo	Apresentar através do DVD Circo de Solei Espetáculo os saltimbancos, o trapézio, a corda bamba	Durante o DVD e perguntamos se eles conheciam os aparelhos que estavam sendo usados, quais os movimentos estavam vendo.
Aula 17 06/10//2010	Circo Trapézio, argolas e balanço de pneu	Vivenciar movimentos de balanço no trapézio, nas argolas e no balanço de pneu.	Proporcionamos que todas as crianças pudessem vivenciar um pouco de cada aparelho.
11 e 13/10/2010	_____	Semana da Criança	_____
Aula 18 18/10//2010	Circo Trapézio, argolas e balanço de pneu	Vivenciar movimentos de balanço no trapézio, nas argolas e no balanço de pneu.	Sentamos a turma em volta do colchonete e chamamos uma de cada vez para vivenciar um pouco de cada aparelho.
Aula 19 20/10//2010	Circo Trapézio, argolas e balanço de pneu	Vivenciar movimentos de balanço no trapézio, nas argolas e no balanço de pneu.	Sentamos a turma em volta do colchonete e chamamos uma de cada vez para vivenciar um pouco de cada aparelho. Pegada balanço quedas, e posturas estáticas. No trapézio e nas argolas.
Aula 20 25/10//2010	Circo Trapézio, argolas e balanço de pneu	Explorar movimentos de balanço no trapézio, nas argolas e no balanço de pneu.	Juntar as turmas 4 A e 4 B na quadra, posicionamos um adulto em cada aparelho, pedimos para que as crianças escolhessem um aparelho e fizessem uma fila a trás dele, explicamos que poderiam trocar de aparelho a hora que quisessem só que teriam que respeitar a fila, permitindo assim que todos participassem ao mesmo tempo.
Aula 21	Circo Trapézio,	Explorar movimentos de balanço no trapézio,	Juntamos as turmas 4 A e 4 B na quadra, posicionamos um adulto em cada aparelho,

27/10//2010	argolas e balanço de pneu	nas argolas e no balanço de pneu.	pedimos para que as crianças escolhessem um aparelho e fizessem uma fila a trás dele, explicamos que poderiam trocar de aparelho a hora que quisessem só que teriam que respeitar a fila, permitindo assim que todos participassem ao mesmo tempo.
Aula 22 01/11//2010	Circo Balanço de pneus	Explorar diversos movimentos no balanço de pneu, subir, descer, balançar sentado, de pé, sozinho, em dupla.	Sentamos os alunos na quadra cada um teve a oportunidade explorar movimentos variados no balanço de pneu.
Aula 23 03/11/2010	Circo Trapézio, argolas e balanço de pneu	Explorar movimentos de balanço no trapézio, nas argolas e no balanço de pneu.	Juntamos as turmas 4 A e 4 B na quadra, posicionamos um adulto em cada aparelho, pedimos para que as crianças escolhessem um aparelho e fizessem uma fila a trás dele, explicamos que poderiam trocar de aparelho a hora que quisessem só que teriam que respeitar a fila, permitindo assim que todos participassem ao mesmo tempo.
Aula 24 08/11//2010	Circo Trapézio, argolas e balanço de pneu	Explorar movimentos de balanço no trapézio, nas argolas e no balanço de pneu.	Juntamos as turmas 4 A e 4 B na quadra, posicionamos um adulto em cada aparelho, pedimos para que as crianças escolhessem um aparelho e fizessem uma fila a trás dele, explicamos que poderiam trocar de aparelho a hora que quisessem só que teriam que respeitar a fila, permitindo assim que todos participassem ao mesmo tempo. Incentivamos os alunos a explorar movimentos diferentes dos que eles já realizavam.
Aula 25 10/11//2010	Circo Trapézio, argolas e	Vivenciar movimentos de balanço no Explorar movimentos.	Sentamos a turma em volta do colchonete e chamamos um de cada vez para vivenciar um pouco de cada aparelho.

	balanço de pneu		Pegada balanço quedas, e posturas estáticas. No trapézio e nas argolas.
Aula 26 15/11//2010	Circo Cambalhota, pirueta, equilíbrio, malabarismo	Explorar movimentos como: Cambalhota, pirueta, equilíbrio, malabarismo	Os materiais foram dispostos na quadra. As crianças foram orientadas a escolher um dos materiais e expressar, à sua maneira, os movimentos que aprenderam durante as aulas de circo.
Aula 27 15/11//2010	Circo Cambalhota, pirueta, equilíbrio, malabarismo	Explorar movimentos: Na perna de pau, no pé de lata, no trapézio, nas argolas e no balanço de pneu.	Os materiais foram dispostos na quadra. As crianças foram orientadas a escolher um dos materiais e expressar a sua maneira os movimentos e aprenderam durante as aulas de circo.
Aula 28 23/11//2010	Dia do mini picadeiro	Apresentar os elementos que estudamos durante as aulas relativas a temática circo. Expressar cada um a sua maneira o que aprendeu sobre o circo.	Neste dia vamos pedimos aos pais que mandassem as crianças fantasiadas com algum personagem ou elemento relacionado ao circo. Os materiais necessários foram dispostos na quadra, reunimos toda escola, em volta do mini picadeiro, cada turma teve um tempo para explorar o espaço a sua maneira, cada criança presente no mini picadeiro teve seu momento e espaço garantido. Enquanto uma turma estava no mini picadeiro fazendo sua “apresentação” às outras estava assistindo, eu a outra professora de Educação Física estávamos presente no mini picadeiro para auxiliar que fosse preciso, neste dia contamos também com a participação de 12 estagiários da Universidade

			Federal do Espírito Santo (UFES) ⁴ . Tivemos também apresentação de malabarismo, lenço chinês e um teatro de bonecos.
--	--	--	--

Para construir os dados, utilizamos: o diário de campo, quatro vídeos de 15 minutos cada, vinte fotografias das aulas, fizemos análise da avaliação descritiva do João realizada pela professora regente, e do informe metodológico produzido no segundo semestre pela Equipe de Educação Física. Num segundo momento, aplicamos um questionário auto-aplicável via e-mail. Esta etapa foi realizada em março de 2011. Os questionários foram respondidos pela professora regente que atuava no grupo 4 A e pela professora de Educação Física que participou da pesquisa, o que permitiu complementar e confrontar os dados obtidos durante a intervenção com os obtidos através dos questionários.

2.5. Procedimentos de análise dos dados

O procedimento de análise dos dados englobou os seguintes passos:

Para diário de campo e fichas de anotação – Leitura das anotações realizadas atentando para os objetivos de cada aula. Re-leitura e organização das anotações em duas colunas: resultados da intervenção e resultados da intervenção considerando o aluno João, dentro da tabela de plano de aulas.

Para análise destes resultados, organizamos um texto onde abordamos os objetivos da pesquisa, um de cada vez, tendo por base os resultados obtidos e a literatura estuda.

Plano de aula – transcrição dos planos de aula em uma tabela com as seguintes colunas: dia da aula, objetivos, procedimentos, após a análise das

⁴ Durante o segundo semestre nossas aulas foram acompanhadas por 12 estagiários UFES, porém nos dias do estagio o grupo 4 A não tinha aulas de Educação Física.

anotações do diário de campo e das fichas de anotação. Conforme explicado acima, foi possível acrescentar mais duas colunas à tabela dos resultados da intervenção, resultados da intervenção considerando o aluno João.

Vídeos – Conseguimos fazer quatro vídeos de 15 minutos cada. Assistimos cada um dos filmes três vezes, buscando observar as interações do aluno SD com os outros alunos e com a professora. Na relação aluno/aluno, identificamos dois tipos de interação quanto a relações espontâneas observamos a cooperação o apoio. Já nas relações mediadas foi possível destacamos a cooperação a soluções de problemas e a tomada de decisões.

Fotografias – após ver e rever as imagens classificamos as imagens que mostravam dificuldade, interação, potencialidades, emoções com alegria e medo tudo isso, juntamente com as observações realizadas durante os planejamentos era usado para planejar novamente as ações na escola. As imagens também ajudaram a escrever os resultados.

Informe metodológico – Comparamos o informe metodológico com as fotos, os vídeos e as descrições das aulas.

Avaliação descritiva do aluno realizada pela professora regente – após leitura e releitura deste instrumento foi possível identificar como era o relacionamento do aluno SD com os colegas e com a professora em sala de aula e no pátio.

Relatório do conselho de classe – A leitura e re- leitura deste instrumento possibilitou realizar uma caracterização mais consistente da turma.

Questionário – A análise deste instrumento englobou os seguintes passos:
Para a análise, todas as respostas dos questionários foram transcritas na íntegra fizemos uma leitura intensiva do texto do texto transcrito onde foi possível

a) construir uma tabela caracterizando as professoras participantes

- b) comparar os dados obtidos através do questionário com avaliação descritiva do aluno realizada pela professora regente, sendo possível identificar como era o relacionamento do aluno SD com os colegas e com a professora em sala de aula e no pátio.
- c) comparar os dados coletados durante a intervenção com os obtidos através do questionário, sendo possível levantar algumas contribuições da Educação na construção da escola inclusiva

Para organização de todos os resultados, seguimos os objetivos da pesquisa, respondendo um de cada vez, tendo por base as interpretações realizadas dos diferentes materiais de pesquisa e da literatura estudada.

IV- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussão serão apresentados de acordo com os objetivos deste trabalho:

- descrever e analisar o processo de inclusão de alunos deficientes nas aulas de Educação Física na educação infantil, realizada durante o trabalho desenvolvido sobre a temática do Circo em uma escola pública de Vitória durante os meses agosto a novembro de 2010;
- descrever e analisar as várias formas de mediação professor/aluno e aluno/aluno utilizadas nas aulas de educação física pela pesquisadora da escola Colibri no processo de inclusão de João que tem síndrome de Down e sua contribuição para o aprendizado destes alunos;
- descrever e analisar possibilidades e desafios de intervenção para inclusão dos alunos deficientes nas aulas de Educação Física a partir da experiência relatada no objetivo geral;
- analisar contribuições da educação física para a construção da escola inclusiva.

Antes, porém, apresentaremos uma descrição do trabalho realizado sobre a temática do Circo, que foi desenvolvido na escola.

1. O Circo e sua relação com a Educação Física

No segundo semestre de 2010, duas professoras de educação física, incluindo a pesquisadora, da escola Colibri se reuniram para planejar a intervenção que seria realizada, nossa proposta de trabalho foi vivenciar com as crianças práticas corporais atreladas a temática do circo, vivenciando a cultura circense nas aulas de Educação Física, esta temática faz parte do plano de trabalho elaborado pela Equipe de Educação Física da escola no ano de 2009, e esta inserida no eixo manifestações rítmicas e culturais. O circo foi escolhido por apresentar um universo lúdico muito rico para a criança, porque permite o trabalho com músicas, com personagens, como: o palhaço e o mágico e com diferentes expressões corporais, como: malabarismo acrobacias com as cambalhotas e equilíbrio. Além disso, permitem o uso de aparelhos do circo como recursos pedagógicos diversos, como: trapézio, corda bamba, dentre outros. Os diversos movimentos realizados no trapézio, por exemplo, apresentam o desafio de estar no ar, ao mesmo tempo em que caracterizam o universo do circo e fazem parte da cultura corporal, o que os torna possíveis conteúdos para a aula de Educação Física, já que esta é entendida como área da cultura corporal de movimento.

Cultura corporal são todas as manifestações corporais humanas que são geradas na dinâmica cultural, são conhecimentos historicamente acumulados e socialmente transmitidos. Aqui o movimento humano possui determinado significado e sentido que é conferido pelo contexto histórico-cultural (PCN, 1998)

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN de Educação Física (1998),

(...) entende-se a Educação Física como uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. (p.29)

Especificamente na Educação Física infantil, essa cultura apresenta configurações que permitem à criança brincar com a linguagem corporal, com o corpo, com o movimento, alfabetizando-se nessa linguagem (AYOUB, 2001). Quando falamos em alfabetizar na linguagem corporal, dentro da cultura corporal de movimento que segue uma linha sócio-histórica, estamos falando do professor que alfabetiza dentro do contexto da criança, considerando as características do seu momento de vida, como os processos de imaginação e seu contexto sociocultural. Neste caso, o trabalho com tema o circo além de propiciar o espaço lúdico para as intervenções da aula, oportunizou atividades específicas de mediação como, por exemplo: ser companheiro, cooperativo, criativo, crítico e solidário, respeitar as diferenças, com a intenção de resolver as contradições decorrentes das situações apresentadas e para isto foi necessário acionar habilidades perceptivas, cognitivas, afetivas e sociais, além de habilidades físicas exigidas em cada movimento proposto.

O trabalho foi desenvolvido nas 12 turmas da educação básica da escola X, sendo que em quatro delas havia alunos com deficiência. Em todas as turmas, foram trabalhados os conteúdos do circo, porém de acordo com a faixa etária e característica da turma.

2. O Circo na turma 4A

Este relato será sobre o grupo 4 A, que conta com a participação do aluno João, que tem síndrome de Down. A turma de 25 alunos era muito participativa e interessada nas atividades propostas.

Partindo da temática do Circo, levantamos os objetivos a ser alcançados, com este trabalho, para cada turma e para o grupo 4 A foram os seguintes:

- Conhecer as diversas manifestações culturais produzidas no circo
- Conhecer a cultura corporal de movimento produzida no Circo
- Vivenciar as diversas manifestações culturais de movimento presentes no circo
- Desenvolver habilidades e estimular as capacidades físicas,
- Promover o respeito às diferenças,
- Promover um ambiente de cooperação e inclusão buscando superação das dificuldades e o desenvolvimento das potencialidades de todos envolvidos,

Passamos então aos conteúdos que seriam abordados dentro desta temática e a partir dos elementos que compõem o circo listamos os conteúdos que seriam possíveis de serem trabalhados com esta faixa etária: Circo - definição e exploração do saber das crianças, cambalhota, equilíbrio Corporal, equilíbrio de objetos, Perna de Pau, Pé de lata, malabarismo, através da estória do livro - O palhaço Gergilim trabalhar a caracterização do palhaço e pirueta, movimentos no trapézio e argolas como pegada balanço quedas e posturas estáticas e o balanço de pneu.

Cronograma

Tabela 5: mostra o cronograma das intervenções

	Semana 1	Semana 2	Semana 3	Semana 4
Agosto	Assistir DVD Xuxa Circo	Cambalhotas (para frente)	Cambalhotas (para trás, como bola de pilates, no bloco de espuma)	Cambalhotas Equilíbrio sobre a corda de frete, se lado, de costas <u>Semana 5</u> Vivência nas tábuas de equilíbrio.
Setembro	1º Circuito de equilíbrio.	Pé de lata Perna de pau	Palhaço Gergilim O palhaço Pirueta	Malabarismo Com bolas de piscina e swing polar <u>Semana 5</u> Equilíbrio de pratos, bolinhas de piscina e tênis
Outubro	Assistir DVD do Circo de Solei Espetáculo – Saltimbancos	Semana da Criança	Apresentação da pare área do circo. Vivência dos balanços no trapézio, argolas e	Pegada balanço quedas, e posturas estáticas. No trapézio e nas argolas

			balanço de pneu.	
Novembro	Vivencia no balanço de pneu, subir, descer, balançar sentado, de pé, sozinho, em dupla.	Pegada, balanço quedas, e posturas estáticas. No trapézio e nas argolas	Vivencia em todos os elementos estudados de agosto a novembro.	O dia do mini-Picadeiro. Vivência do picadeiro e apresentação junto com toda a comunidade escolar.

As aulas eram planejadas por semana nas terças, quinta e sexta feiras no reuníamos para planejar a intervenção da semana seguinte e ajustar o planejamento da semana em curso. Após cada aula a pesquisadora anotava no diário de campo os resultados obtidos, suas observações e impressões. Segue abaixo o quadro com o planejamento e os resultados de todas as aulas realizadas durante a intervenção.

Tabela 6 – Mostra os planos de aulas com os resultados obtidos e resultados da intervenção considerando o aluno João.

Dia da aula	Tema da aula	Objetivo da aula	Procedimento da aula	Resultados obtidos	Resultados da intervenção considerando aluno João
Aula 1 04/08//2010	Circo	Saber o que os alunos sabiam sobre circo, e apresentar através do DVD Xuxa Circo elementos cambalhotas, o equilibrista e o palhaço	Iniciamos a aula com uma conversa sobre o Circo no sentido de introduzimos o assunto. Optamos pelo DVD da Xuxa Circo onde poderíamos explorar as cambalhotas, o equilibrista e o palhaço.	Percebi que todas as crianças da turma acompanhavam a música, porém quando parava o DVD e perguntávamos sobre o que estava acontecendo, poucos sabiam responder. Resolvemos parar o DVD toda vez que tivesse um assunto a ser explorado, fazíamos perguntas sobre o que estavam vendo, falava o nome do movimento, chamava atenção para a forma como ele estava sendo executado.	João acompanhava a música, dançando, porém quando parava o DVD o perguntava sobre o que estava acontecendo e ele não respondia.

<p>Aula 2 09/08//2010</p>	<p>Circo Cambalhota</p>	<p>Vivenciar cambalhota para frente no contexto do circo (cambalhotas)</p>	<p>Sentados na quadra em círculo com o colchonete no meio explicamos o movimento explicamos também que cada um terá sua vez e que quando não for a nossa vez vamos observar como o colega faz. A pesquisadora o demonstrou o movimento algumas.</p>	<p>Algumas crianças rolavam em cima do ombro sem querer, outros não conseguiam impulso para rolar, outros queriam se apoiar com a cabeça, tudo isto acompanhado de comentários da turma sobre o que estava certo e errado, as crianças aplaudiam quem conseguia. A turma dizia: professora me ajuda; assim, ora eu ajudávamos quem não conseguia, ora dávamos só uma ajuda na finalização do movimento, ou fazia a segurança para que eles não se machucassem, demonstrávamos para</p>	<p>Quando foi a vez do João foi a mesma coisa: alguns diziam que ele não sabia fazer, outros queriam dar a mão para ajudar, outros me mandavam ajudar. O procedimento foi o mesmo: ficamos atentos caso ele precisasse de ajuda. Nas primeiras tentativas, ele quase acertou, mas, em outras tentativas, foi preciso auxiliar. Ele fazia o movimento da forma que conseguia com a nossa supervisão.</p>
-------------------------------	-----------------------------	--	---	--	---

Aula 3 11/08//2010	Circo Cambalhota	Realizar cambalhota para frente no contexto do circo (cambalhotas)	Distribuímos vários colchonetes grandes na quadra para que todos tivessem a oportunidade de vivenciar a cambalhota ao mesmo tempo.	alguNS ou descreviamos o movimento oralmente. Todos participaram. Os alunos estavam começando a se acostumar com a posição invertida. Alguns ainda apoiavam a cabeça para rolar, outros precisavam de auxílio. Embora não estivéssemos preocupadas com a execução perfeita da técnica não podemos deixar de perceber que três alunos estavam realizando o movimento utilizado à técnica correta.	Embora não estivéssemos preocupadas com a execução perfeita da técnica, não pudemos deixar de perceber que João estava utilizando a técnica correta para realizar o movimento, o que chamou nossa atenção foi à facilidade com que ele assimilou a técnica, e, para além dela, demonstrou consciência corporal ao realizar o movimento.
Aula 4	Circo Cambalhota	Vivenciar cambalhota	Fizemos o rolamento para trás, com auxílio	Todos participaram, porém estavam com medo de rolar	João não teve medo de rolar para trás, porém não

16/08//2010		para trás,	da bola de pilates, e do bloco de espuma.	para trás de cima do bloco de espuma. Aceitaram com facilidade rolar para trás sobre a bola de pilates, porém não conseguiram dar impulso no solo para rolar.	conseguiu fazer sozinho, só com o auxílio da pesquisadora.
Aula 5 18/08//2010	Circo Cambalhota	Realizar cambalhota para frente e para trás,	Distribuímos vários colchonetes grandes na quadra para que todos tivessem a oportunidade de vivenciar a cambalhota ao mesmo tempo resolvemos manter como apoio a bola de pilates, e o bloco de espuma.	As crianças estavam muito envolvidas com as atividades, porém preferiram fazer o rolamento para frente e na bola de pilates com auxílio da professora, estavam experimentando também rolar para frente de cima da rampa de espuma.	João também estava muito envolvido com as atividades observamos que ele preferia fazer o rolamento para frente sozinho ou na bola de pilates. Com auxílio da professora, experimentou algumas vezes rolar para frente de cima da rampa de espuma.
	Circo	Explorar	Distribuímos vários	Como os alunos já estavam	João também já estava

<p>Aula 6</p> <p>23/08//2010</p>	<p>Cambalhota</p> <p>Equilíbrio</p>	<p>cambalhota para frente e para trás, e outras formas de virar cambalhota.</p> <p>Realizar atividades de equilíbrio corporal.</p>	<p>colchonetes grandes na quadra para que todos tivessem a oportunidade de vivenciar a cambalhota ao mesmo tempo.</p> <p>Esticamos várias cordas na quadra e pedimos para as crianças passarem sobre ela equilibrando de frente, de costas e de lado</p>	<p>familiarizados com as atividades propostas, todos participaram com interesse: demonstravam destreza ao realizarem o movimento, porém a preferência pelo rolamento para frente continuava.</p>	<p>familiarizado com as atividades e participava demonstrando destreza ao realizar o movimento.</p>
<p>Aula 7</p> <p>25/08//2010</p>	<p>Circo</p> <p>Equilíbrio</p>	<p>Explorar o equilíbrio em novas situações com nas tabuas de equilíbrio e sobre a prancha com rolo</p>	<p>Em sala de aula a pesquisadora e a estagiaria auxiliaram os alunos a realizar o movimento, no segundo momento eles foram orientados a trabalhar</p>	<p>Realizaram o movimento somente com auxílio de outra pessoa. Alguns ariscaram segurar na parede e se equilibrar, porém na hora de descer da tábua, pediram auxílio.</p>	<p>João participou dos dois momentos, porém teve dificuldade em equilibrar-se sobre a prancha. Devido ao equilíbrio ser instável, ele não conseguiu manter o tônus muscular,</p>

Aula 8 30/08//2010	Circo Equilíbrio	embaixo. Explorar novas situações de equilíbrio.	em grupo: dois colegas fizeram a segurança enquanto outro colega realizava o movimento os grupos foram revezando. 1º Circuito de equilíbrio – materiais: estrado de madeira de 3 metros sobre 3 pneus empilhados, blocos de espuma escada, rampa e ponte, corda esticada para passar por cima, tocos de madeira colorido distribuídos e calha.	Todos os alunos se mostraram muito solícitos em ajudar o colega, e confiram neles para ajudá-los.	por isto suas pernas começavam a tremer, mas com minha intervenção ou dos colegas participou de todas as aulas.
				Como os alunos já estavam familiarizados com as atividades propostas, todos participaram com interesse demonstraram destreza ao realizar os movimentos propostos.	João também já estava familiarizado com as atividades e participava demonstrando destreza ao realizar os movimentos propostos.

<p>Aula 9</p> <p>01/09//2010</p>	<p>Circo</p> <p>Equilíbrio</p>	<p>Resgatar o Pé de lata e</p>	<p>Apresentamos o pé de lata, falamos que um pouco sobre este brinquedo e como ele foi construído.</p> <p>Com auxilio da professora e da estagiaria todos tiveram a oportunidade de experimentar a brincadeira.</p>	<p>Esta atividade só foi possível com intervenção da pesquisadora e da estagiária, pois eles não conseguiram coordenar os movimentos e manusear o equipamento ao mesmo tempo.</p> <p>Todos experimentaram, mas alguns conseguiram movimentar o corpo, demonstrando coordenação corporal.</p>	<p>Como este equilíbrio era mais estável, João conseguiu manter o tônus muscular e demonstrou destreza e confiança ao subir no pé de lata, realizando todo circuito proposto mais de uma vez.</p>
<p>Aula 10</p> <p>06/09//2010</p>	<p>Circo</p> <p>Equilíbrio</p>	<p>Resgatar a Perna de pau</p>	<p>Apresentamos a Perna de Pau, falamos que um pouco sobre este “brinquedo”, como ele foi construído e como ele é usado no circo.</p> <p>Com auxilio da professora e da</p>	<p>Esta atividade só foi possível com intervenção da pesquisadora e da estagiária, pois eles não conseguiram coordenar os movimentos e manusear o equipamento ao mesmo</p>	<p>João não teve medo de andar de perna de pau.</p> <p>Como este equilíbrio era mais estável, João conseguiu manter o tônus muscular e demonstrou destreza e confiança ao</p>

			<p>estagiaria todos tiveram a oportunidade de experimentar a brincadeira.</p>	<p>tempo. Todos experimentaram: alguns ficaram com medo e logo pediram para descer; outros subiam e conseguiam movimentar o corpo acompanhando o movimento, demonstrando coordenação corporal.</p>	<p>subir na perna de pau e realizou todo circuito proposto mais de uma vez.</p>
<p>Aula 11 13/09//2010</p>	<p>Circo O palhaço</p>	<p>Brincar de palhaço Diferenciar cambalhota de pirueta</p>	<p>Juntamos o 4 A e 4 B na quadra, contamos a estória do livro – O palhaço Gergilim, sabia o que era pirueta explicamos a diferença entre pirueta e cambalhota e que pedimos para que eles fizessem piruetas toda vez que a palavra aparecesse na historia. Com tinta vermelha</p>	<p>Contamos a historia e fizemos a brincadeira que envolvia cambalhotas e piruetas, além de outras travessuras do palhaço. Foi um momento muito proveitoso, pois além de apresentarmos o palhaço, aproveitamos para tirar a dúvida das crianças sobre a diferença entre pirueta e</p>	<p>João participou ativamente da aula com colegas. Pintou o nariz umas 5 vezes só para lavar de novo.</p>

			<p>pintamos o nariz do palhaço nas crianças.</p>	<p>cambalhota. Ao final da aula, pintamos o nariz do palhaço. Todos quiseram fazer a pintura embora alguns pedissem para pintar e depois corriam para o banheiro para lavar. Eles se admiravam no espelho, imitavam o Gergilim, e se colocavam no lugar do palhaço.</p>	
<p>Aula 12 15/09//2010</p>	<p>Circo Equilíbrio de objetos</p>	<p>Vivenciar o malabarismo com bolas de piscina e o gira-gira</p>	<p>Juntamos o grupo 4 A e 4B. A pesquisadora e a outra professora de Educação Física mostraram no DVD o malabarismo com bolas, na quadra foram dispostas bolinhas de piscina para que os</p>	<p>As crianças participaram, mas não conseguiram realizar o malabarismo, com as bolinhas de piscina. Mais com gira-gira, eles conseguiram realizar o movimento.</p>	<p>João também não conseguiu realizar malabarismo com as bolinhas de piscina. Mas com swing polar, ele conseguiu realizar o movimento. O desempenho de João na aula acompanhou o da</p>

			<p>alunos pudessem vivenciar o movimento. Depois apresentaremos o gira-gira, um brinquedo confeccionada de jornal e fitas de papel crepom com um pedaço de barbante na ponta, todos tiveram a oportunidade de vivenciar movimento.</p>		turma.
<p>Aula 13 20/09//2010</p>	<p>Circo Equilíbrio de objetos</p>	<p>Vivenciar o malabarismo com pratos, bolinhas de piscina e tubos de papelão de vários</p>	<p>A pesquisadora fez uma demonstração de equilíbrio de pratos depois os materiais foram dispostos na quadra de forma que cada criança decidiu o</p>	<p>Eles escolhiam o tubo que queriam usar, trocavam, experimentavam todos. Em seguida, introduzimos junto com os pratos, bolinhas de piscina e de tênis. Esta atividade envolveu toda a</p>	<p>Os colegas ajudavam João, mostrando-lhe como fazer as atividades, oferecendo outros materiais que julgavam mais apropriados. Ele, por iniciativa própria, trocava</p>

		<p>tamanhos, circunferências variadas e peso.</p>	<p>que queria usar, os alunos foram incentivados pela pesquisadora a experimentar materiais variados.</p>	<p>turma ao mesmo tempo, portanto, a troca de informação era constante, todos tinham algum conhecimento para trocar e sugeriam outros materiais aos colegas que não conseguiam, ensinavam como posicionar o objeto, propunham novos desafios, ajudavam uns ao outros.</p>	<p>de material e tentava realizar os movimentos. Algumas vezes, ele conseguia; outras vezes, inventava outra maneira de transportar os objetos.</p>
<p>Aula 14 22/09//2010</p>	<p>Circo Equilíbrio</p>	<p>Explorar novas situações de equilíbrio</p>	<p>2º Circuito de equilíbrio – materiais: estrado de madeira de 3 metros sobre 3 pneus empilhados, blocos de espuma escada, rampa e ponte, corda esticada para passar por cima, tocos de madeira</p>	<p>Como os alunos já estavam familiarizados com as atividades propostas, todos participaram com interesse demonstravam destreza ao realizar os movimentos propostos.</p>	<p>João também já estava familiarizado com as atividades e demonstrava destreza ao realizar os movimentos propostos.</p>

Aula 15 29/09//2010	Circo Equilíbrio	Explorar novas situações de equilíbrio	3º Circuito de equilíbrio – materiais: estrado de madeira de 3 metros sobre 3 pneus empilhados, corda esticada para passar por cima, equilibrando os pratos em cima dos tubos de papelão.	colorido distribuídos e calha, escorregador e bola de pilates. Os materiais foram dispostos de forma diferente do 1º circuito.	Embora os alunos já estivessem familiarizados com as atividades propostas, a combinação das duas tarefas na mesma atividade se mostrou um desafio que todos participaram com interesse tentado vencer.	O desempenho de João na aula acompanhou o da turma. Ele passou pelo circuito embora muitas vezes utilizasse as duas mãos para equilibrar o objeto. Podemos dizer que ele atingiu o objetivo proposta para aula.
Aula 16 04/10//2010	Circo	Apresentar através do DVD Circo de Solei Espetáculo os saltimbancos, o	Durante o DVD e perguntamos se eles conheciam os aparelhos que estavam sendo usados, quais os	Foi possível visualizar os movimentos no trapézio, na corda bamba, e outros movimentos fora do solo. A turma ficou muito	João acompanhava o DVD com interesse.	

		trapézio, a corda bamba	movimentos estavam vendo.	entusiasmada. Desta vez, eles já conheciam um pouco do circo o que permitia que eles comentassem o que viam, vibrassem com os artistas, alguns até sabiam o nome dos aparelhos.	
Aula 17 06/10//2010	Circo Trapézio, argolas e balanço de pneu	Vivenciar movimentos de balanço no trapézio, nas argolas e no balanço de pneu.	Proporcionamos que todas as crianças pudessem vivenciar um pouco de cada aparelho.	A turma ficou muito empolgada com os aparelhos, embora só soubessem se balançar. O desafio de estar no “ar”, sem contato com o chão, já era bastante desafiador.	Nas primeiras tentativas de ficar pendurado, sustentando o peso do próprio corpo no trapézio e nas argolas, João não conseguiu manter a contração muscular, faltava tônus muscular. Ele abria a mão e acabava caindo, não conseguia se balançar como os outros.
11 e 13/10/2010		Semana da Criança			

<p>Aula 18 18/10//2010</p>	<p>Circo Trapézio, argolas e balanço de pneu</p>	<p>Vivenciar movimentos de balanço no trapézio, nas argolas e no balanço de pneu.</p>	<p>Sentamos a turma em volta do colchonete e chamamos uma de cada vez para vivenciar um pouco de cada aparelho.</p>	<p>A turma ainda estava muito empolgada com os aparelhos, começamos a incentivar que eles subissem e se balanceassem sozinhos. Muitos conseguiram realizar o movimento sozinho.</p>	<p>João ainda não conseguia ficar pendurado. Procuramos intervir de várias formas: demonstramos o movimento, falamos para ele segurar mais forte, o seguramos pelo quadril para que pudesse se balancear, porém a autonomia do movimento ficava comprometida.</p>
<p>Aula 19 20/10//2010</p>	<p>Circo Trapézio, argolas e balanço de pneu</p>	<p>Vivenciar movimentos de balanço no trapézio, nas argolas e no balanço de pneu.</p>	<p>Sentamos a turma em volta do colchonete e chamamos uma de cada vez para vivenciar um pouco de cada aparelho. Pegada balanço quedas, e posturas estáticas. No</p>	<p>Além de subir sozinho no trapézio e nas argolas e no balanço de pneu, eles conseguiram realizar os movimentos propostos. Algumas crianças conseguiram ficar sentada com ajuda do adulto ou</p>	<p>Nesta aula, testamos uma nova técnica: sentamos João no ombro da pesquisadora, pedimos que ele segurasse no trapézio, colocamos as mãos da pesquisadora em cima das dele, para dar</p>

			trapézio e nas argolas	pendurada pelos pés na posição invertida.	sustentação e ele, então, balançava, após repetir algumas vezes começamos a soltar no meio do movimento, ele começou a ficar pendurado no princípio poucos segundos, porém à medida que íamos repetindo, ele ficava cada vez mais tempo pendurado e balançando.
Aula 20 25/10//2010	Circo Trapézio, argolas e balanço de pneu	Explorar movimentos de balanço no trapézio, nas argolas e no balanço de pneu.	Juntar as turmas 4 A e 4 B na quadra, posicionamos um adulto em cada aparelho, pedimos para que as crianças escolhessem um aparelho e fizessem uma fila a trás dele,	Eles subiam sozinhos no trapézio e nas argolas e no balanço de pneu. Eles conseguiram realizar os movimentos propostos. Algumas crianças conseguiam ficar sentadas com ajuda do adulto ou	Repetimos algumas vezes o exercício da aula anterior e decidimos pedir para que ele segurasse sozinho. Desta vez, ele conseguiu se manter pendurado e balançando sozinho.

Aula 21 27/10//2010	Circo Trapézio, argolas e balanço de pneu	Explorar movimentos de balanço no trapézio, nas argolas e no balanço de pneu.	Juntamos as turmas 4 A e 4 B na quadra, posicionamos um adulto em cada aparelho, pedimos para que as crianças escolhessem um aparelho e fizessem uma fila a trás dele, explicamos que poderiam trocar de aparelho a hora que quisessem só que teriam que respeitar a fila, permitindo assim que todos participassem ao mesmo tempo.	que poderiam trocar de aparelho a hora que quisessem só que teriam que respeitar a fila, permitindo assim que todos participassem ao mesmo tempo.	penduradas pelos pés na posição invertida	João começou a dar impulso sozinho, impulsionava o corpo dobrando as pernas para se balançar, subia na escada de espuma para alcançar o trapézio e as argolas sozinho, sem a intervenção do adulto. Nestes momentos contava com a ajuda dos colegas para carregar a escada.
------------------------	---	---	--	--	--	--

			<p>teriam que respeitar a fila, permitindo assim que todos participassem ao mesmo tempo.</p>		
<p>Aula 22 01/11/2010</p>	<p>Circo Balanço de pneus</p>	<p>Explorar diversos movimentos no balanço de pneu, subir, descer, balançar sentado, de pé, sozinho, em dupla.</p>	<p>Sentamos os alunos na quadra cada um teve a oportunidade explorar movimentos variados no balanço de pneu.</p>	<p>Os alunos se penduravam de todas as maneiras, exploravam o material, ficavam de pé, sentados, se balançavam sozinhos ou em dupla, rodopiando e inventando novos movimentos.</p>	<p>João conseguia subir no balanço de pneu quando alguém auxiliava, segurando o balanço. Tínhamos que empurrar para que ele conseguisse se balançar sozinho.</p>
<p>Aula 23 03/11/2010</p>	<p>Circo Trapézio, argolas e balanço de pneu</p>	<p>Explorar movimentos de balanço no trapézio, nas argolas e no balanço de</p>	<p>Juntamos as turmas 4 A e 4 B na quadra, posicionamos um adulto em cada aparelho, pedimos para que as crianças escolhessem</p>	<p>Eles subiam sozinhos no trapézio e nas argolas e no balanço de pneu e realizavam os movimentos que eles mais gostavam. Algumas crianças tentavam</p>	<p>Agora podemos dizer que o desempenho de João na aula acompanhou o da turma.</p>

		pneu.	um aparelho e fizessem uma fila a trás dele, explicamos que poderiam trocar de aparelho a hora que quisessem só que teriam que respeitar a fila, permitindo assim que todos participassem ao mesmo tempo.	inventar novos movimentos.	
Aula 24 08/11//2010	Circo Trapézio, argolas e balanço de pneu	Explorar movimentos de balanço no trapézio, nas argolas e no balanço de pneu.	Juntamos as turmas 4 A e 4 B na quadra, posicionamos um adulto em cada aparelho, pedimos para que as crianças escolhessem um aparelho e fizessem uma fila a trás dele, explicamos que poderiam trocar de	Eles subiam sozinhos no trapézio e nas argolas e no balanço de pneu e realizavam os movimentos que eles mais gostavam. Algumas crianças tentavam inventar novos movimentos.	Agora podemos dizer que desempenho de João na aula acompanhou o da turma.

			aparelho a hora que quisessem só que teriam que respeitar a fila, permitindo assim que todos participassem ao mesmo tempo. Incentivamos os alunos a explorar movimentos diferentes dos que eles já realizavam.		
Aula 25 10/11//2010	Circo Trapézio, argolas e balanço de pneu	Explorar movimentos: Na perna de pau, no pé de lata.	Sentamos a turma em volta do colchonete e chamamos um de cada vez para vivenciar um pouco de cada aparelho. Pegada balanço quedas, e posturas estáticas. No trapézio e nas argolas	Todos os alunos tiveram a chance de vivenciar, mais uma vez, brincadeiras com o Pé de lata e a Perna de pau.	João demonstrou mais interesse pela perna de pau.
Aula 26	Circo	Explorar	Os materiais foram	Todos experimentaram um	João demonstrou mais

15/11/2010		movimentos como: Cambalhota, pirueta, equilíbrio, malabarismo	dispostos na quadra. As crianças foram orientadas a escolher um dos materiais e expressar, à sua maneira, os movimentos que aprenderam durante as aulas de circo.	pouco de cada coisa, construíam novas intervenções ressignificando os movimentos.	interesse pela cambalhota e as atividades de equilíbrio corporal como andar sobre a corda.
Aula 27 15/11/2010	Circo	Explorar movimentos: No trapézio, nas argolas e no balanço de pneu.	Os materiais foram dispostos na quadra. As crianças foram orientadas a escolher um dos materiais e expressar a sua maneira os movimentos e aprenderam durante as aulas de circo.	Eles subiam sozinhos no trapézio e nas argolas e no balanço de pneu e realizavam os movimentos que eles mais gostavam. Algumas crianças tentavam inventar novos movimentos.	João passava por todos os aparelhos, demonstrando segurança e autonomia para realizar as atividades.
Aula 28	Dia do mini picadeiro	Apresentar os elementos que	Neste dia vamos pedimos aos pais que	O grande e esperado dia chegou e chegou em um sexta-feira chuvosa.	Quando foi a vez do grupo 4 A, João participou

23/11/2010		<p>estudamos durante as aulas relativas à temática do circo.</p> <p>Expressar cada um a sua maneira o que aprendeu sobre o circo.</p>	<p>mandassem as crianças fantasiadas com algum personagem ou elemento relacionado ao circo.</p> <p>Os materiais necessários foram dispostos na quadra, reunimos toda escola, em volta do mini picadeiro, cada turma teve um tempo para explorar o espaço a sua maneira, cada criança presente no mini picadeiro teve seu momento e espaço garantido.</p> <p>Enquanto uma turma estava no mini picadeiro</p>	<p>Chegamos à escola preocupadas com o dia do mini-picadeiro e logo na entrada vimos todas as crianças, desde os grupos menores, como G1, G2 e até os maiores G3 a G6, caracterizados e muito empolgados com o dia. Os pais nos questionaram sobre o evento, pois a quadra onde estavam às argolas e o trapézio estava muito molhada, o que inviabilizava nossa vivência. Diante do inesperado e como não havia possibilidade em cancelarmos o evento, devido à euforia das crianças, improvisamos no refeitório do CMEI o mini-picadeiro. Montamos a parte solo no refeitório, convidamos duas turmas de cada vez para participar do</p>	<p>ativamente, virou cambalhota, andou de perna de pau, equilibrou pratos, passou sobre a ponte bamba, aproveitou ao máximo seu tempo no mini picadeiro. Durante o evento observamos que ele ficava muito à vontade na escola e junto com os colegas.</p>
------------	--	---	---	---	---

			<p>fazendo sua “apresentação” às outras estava assistindo, eu a outra professora de Educação Física estávamos presente no mini picadeiro para auxiliar que fosse preciso, neste dia contamos também com a participação de 12 estagiários da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)⁵. Tivemos também de apresentação de</p>	<p>mini picadeiro. Embora o espaço fosse pequeno e as coisas acontecessem simultaneamente, ninguém ficou parado, cada aluno teve sua participação garantida no mini-picadeiro. Podemos dizer que eles se divertiram e brincaram muito no mini picadeiro.</p> <p>Conseguimos reunir toda a escola na hora da apresentação de malabarismo, swing poi, lenço chinês e um teatro de bonecos. Finalizamos com um baile, que durou apenas alguns minutos porque</p>	
--	--	--	--	---	--

⁵ Durante o segundo semestre nossas aulas foram acompanhadas por 12 estagiários UFES, porém nos dias do estagio o grupo 4 A não tinha aulas de Educação Física.

			malabarismo, lenço chinês e um teatro de bonecos.	estava na hora do almoço. Embora a chuva tenha atrapalhado um pouco o evento, foi realizado com sucesso.	
--	--	--	---	--	--

As atividades foram planejadas visando inserir o aluno na cultura corporal de movimento relativa ao universo do circo de forma lúdica e prazerosa, visando à participação de todos. Isto porque a educação física escolar deve oportunizar o desenvolvimento de potencialidades e a superação de dificuldades de forma democrática e não seletiva visando ao desenvolvimento humano. (PCN Educação Física. 1998).

De acordo com o objetivo proposto de descrever e analisar o processo de inclusão de alunos deficientes nas aulas de Educação Física na educação infantil observamos que todas as crianças participaram, inclusive João, portador da síndrome da Down. Durante as aulas, também foi possível observar que eles foram parceiros e cooperativos enfrentaram dificuldades e desafios que foram sendo superados no decorrer das aulas. As atividades propostas foram muito bem aceitas pela turma e as potencialidades foram desenvolvidas de acordo com a individualidade e aptidão demonstrada por cada um.

O RCNEI⁶ (1998) considera a escola inclusiva aquela que abre espaço para todas as crianças, abrangendo aquelas com necessidades especiais e seu principal desafio é desenvolver uma escola que dê conta da diversidade das crianças e ofereça respostas adequadas às suas características e necessidades.

Analisando as observações realizadas durante e após a intervenção, a avaliação descritiva do aluno realizada pela professora regente do grupo 4 A e as entrevistas foi possível constatar que João teve um bom relacionamento com as professoras e demais funcionários da escola. Mostrou-se uma criança afetuosa que dificilmente se envolve em conflitos e se sente muito confortável na presença dos adultos.

Seu relacionamento com os colegas é muito bom, está sempre envolvido em grupos seja nas atividades propostas ou durante as brincadeiras espontâneas que acontecem tanto na sala de aula, quanto nas aulas de educação física ou ainda no pátio. João também sempre é solicitado pelos colegas para ser companheiro em muitas atividades e brincadeiras.

⁶ Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil

Ele é curioso e um pouco inquieto, mas consegue se concentrar nas atividades propostas. Foi capaz de acessar seu repertório motor para resolver os problemas apresentados durante as atividades. Ele participou de todas as aulas e teve suas necessidades individuais atendidas e suas potencialidades exploradas. Partindo desta análise, podemos dizer que ele foi incluído na turma e nas aulas de Educação Física.

Podemos perceber sua integração nas aulas sobre a cambalhota nosso primeiro elemento do circo a ser explorado. João participou de todos os momentos com colegas, teve que alguns desafios que permitiram alcançar níveis mais complexos dentro da habilidade básica rolar (MELO 2010) e embora nossa intenção não fosse à execução perfeita da técnica, não pudemos deixar de perceber que João estava realizando o movimento utilizando a técnica de forma correta, o que nos chamou a atenção foi à facilidade com que ele assimilou a técnica, e para além dela, demonstrou consciência corporal ao realizar o movimento, de forma que conseguia repetir o movimento em locais e situações diferentes com a mesma qualidade .

Segundo MEDINA (1987, p. 22), “a consciência do homem pode ser entendida como o estado pelo qual o corpo percebe a própria existência e tudo o que mais existe”. Partindo deste ponto de vista, MOREIRA (1995 apud BRANDL, 2002) propõe que há necessidade de compreender a prática da atividade física sobre o enfoque de que a Educação Física tem o papel de tratar o corpo não como objeto, e sim como sujeito da ação; o ato mecânico no trabalho corporal deve ceder lugar para o ato consciente, reconhecimento, identificação e diferenciação da localização do movimento e dos inter-relacionamentos das partes corporais e do todo.

Quanto ao objetivo de descrever e analisar as várias formas de mediação professor/aluno e aluno/aluno utilizadas nas aulas de educação física pela equipe de Educação Física da escola X no processo de inclusão de João portador da síndrome de Down e sua contribuição para o aprendizado destes alunos, podemos dizer que a intervenção planejada pela equipe e a mediação durante as aulas parece ter determinado o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, levando o aluno a alcançar o desenvolvimento real. Assim, dentro da perceptiva sócio-interacionista, destacamos a zona de desenvolvimento proximal, onde a mediação do mais experiente se faz

necessária para que a criança passe do nível de desenvolvimento potencial para o real (VYGOTSKY 1998). Neste sentido, o papel do professor neste processo foi fundamental. De acordo com TUNES (2005)

(...) o professor empenhado em promover a aprendizagem de seu aluno, há o imperativo de penetrar e interferir em sua atividade psíquica, notadamente seu pensamento. Essa necessidade antecede a tudo e, por isso mesmo, dirige a escolha dos modos de ensinar, pois sabe o professor que os métodos são eficazes somente quando estão de alguma forma, coordenados com os modos de pensar do aluno. É nesse sentido, portanto, que podemos afirmar que o aluno dirige o seu próprio processo de aprender. Essa idéia é a que se apreende de Vigotski quando examina teoricamente as relações entre aprendizagem e desenvolvimento e formula o conceito de zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky, 1987, 1991). (p.691)

Assim para construir um processo de inclusão, faz-se necessário pensar em intervenções que venham ao encontro do modo de pensar do aluno ou, conforme já mencionado aqui, o que temos que fazer é descobrir como promover zonas de desenvolvimento proximal que estimulem estas crianças a adquirir e formar o pensamento abstrato.

Como estávamos trabalhando com crianças na faixa etária de 4 anos , onde o brinquedo tem muito significado por oportunizar a criação de zona de desenvolvimento proximal. De acordo com Vygotsky (1998), brincando a criança consegue acessar conhecimentos que ainda estão a caminho e que não consegue realizar com autonomia, construindo, compartilhando e significando o mundo.

Na perspectiva do brinquedo, resolvemos trazer o balanço de pneu, embora este não fizesse parte do universo tradicional do circo, na nossa escola este foi incorporado ao “nosso circo”, os alunos se penduravam de todas as maneiras, exploravam o material, ficavam de pé, sentados, balançavam-se sozinhos ou

em dupla, rodopiando, inventavam movimentos novos. Para que uma habilidade alcance níveis mais complexos é necessário que haja variabilidade na sua execução (MELO 2010 p.40), assim, através do balanço de pneu, foi possível acessar várias habilidades básicas fora do solo como: trepar no objeto em movimento, balançar de maneiras variadas, pendurar-se no objeto em movimento, além de capacidades físicas como: força, equilíbrio, agilidade e coordenação motora.

Outra atividade dentro desta perspectiva foi o dia do mini-picadeiro. Para finalizar nossos trabalhos, no dia 23 de novembro fizemos uma vivência que resolvemos chamar de mini picadeiro. Este era composto por todos os elementos que estudamos durante o projeto, materiais necessários ficaram a disposição para quem quisessem usar, o objetivo era que cada criança pudesse expressar da sua maneira o que aprendeu sobre o circo e recorrendo as suas experiências motoras.

Durante quatro meses realizamos intervenções variadas no grupo 4 A. Algumas vezes abordamos o mesmo assunto de formas variadas, ora para o grupo todo, ora para alguns alunos ou ainda de forma particular, com isto procuramos atender as necessidades de nossos alunos. Este processo de mediação professor/aluno foi muito importante para promover um ambiente inclusivo, pois à medida que pesávamos um processo de aprendizagem que incluísse todas as crianças buscamos também uma prática voltada para competências dos sujeitos e que contribuísse para superar as limitações impostas pela deficiência, pois de acordo com BRAGA (2002 apud COELHO, 2010) no processo de inclusão é importante ter uma pedagogia voltada para as competências dos sujeitos, na qual a deficiência seja compreendida como um desafio em que, por meio de um processo criativo, haja a superação das limitações.

Em algumas aulas, este processo de intervenção ficou mais evidente, conforme a descrição abaixo:

Quando começamos a trabalhar o que denominamos como a parte aérea do circo, o desafio maior foi trazer-la para a escola, contamos com ajuda de um colega também professor de educação física que atua em outro CMEI, que além de nos emprestar o material também montou o trapézio, as argolas e o balanço de pneus, usamos colchonetes para amortecer as quedas.

Começamos as aulas usando todos os aparelhos ao mesmo tempo, todos tiveram a oportunidade de experimentar e explorar um pouco de cada um. Contávamos com 2 trapézios, um par de argolas, um balanço de pneus, três colchões grandes.

A turma ficou muito empolgada com os aparelhos, embora só soubessem se balançar, o desafio de estar no “ar”, sem contato com o chão já era bastante desafiador. Nas primeiras tentativas de ficar pendurado, sustentando o peso do próprio corpo no trapézio e nas argolas, João não conseguiu manter a contração muscular, faltava tônus muscular ele abria a mão e acabava caindo não conseguia se balançar com os outros.

Segundo (KLEINHANS, 2006).

A hipotonia muscular está presente em quase todas as crianças portadoras da Síndrome de Down ao nascer, tendendo a diminuir com a idade , ela afeta toda musculatura e a parte ligamentar. O tônus muscular é uma característica individual apresentando variações de criança para a outra. Essa condição faz com que o desenvolvimento inicial fique um pouco mais lento, demorando mais para controlar a cabeça, rolar, sentar, arrastar, engatinhar, andar e correr. Com isso, a exploração que a criança faz do meio, nos primeiros anos de vida e que vai estimular seu desenvolvimento, fica afetada. O trabalho de fisioterapia pode ajudar muito, contudo, quando a criança começa a andar, há necessidade ainda de um trabalho específico para o equilíbrio, a postura e a coordenação de movimentos. (p. 126)

A aprendizagem exige respostas que podem ser motora, verbal ou gráfica e embora a resposta manifestada pelas crianças síndrome de Down apresente limitações devido ao seu comprometimento fisiológico, a autora admite a possibilidade de ampliar e determinar certa resposta estará condicionada ao apoio do meio que esta criança está inserida. Quanto mais se oferecer um

ambiente solicitador, que promova autonomia e diferentes possibilidades de descobertas de seu potencial, melhor será o seu desenvolvimento (KLEINHANS, 2006 p. 135).

Partindo deste princípio procuramos intervir de várias formas: demonstramos o movimento, falamos para ele segurar mais forte, o seguramos pelo quadril para que pudesse se balançar, porém a autonomia do movimento ficava sempre comprometida.

Na terceira aula, as crianças já estavam experimentando outros movimentos no trapézio: algumas conseguiam ficar sentada com ajuda do adulto ou pendurada pelos pés na posição invertida, porém, a pesquisadora continuava tentando fazer com o João conseguisse ficar pendurado. Nesta aula, testamos uma nova técnica: sentamos João no ombro da pesquisadora, pedimos que ele segurasse no trapézio, colocamos as mãos da pesquisadora em cima das dele, para dar sustentação e ele, então, balançava, após repetir algumas vezes começamos a soltar no meio do movimento, ele começou a ficar pendurado no princípio poucos segundos, porém à medida que íamos repetindo ele ficava cada vez mais tempo pendurado e balançando.

Na aula seguinte, repetimos algumas vezes o mesmo exercício e decidimos pedir para que ele segurasse sozinho. Desta vez, ele conseguiu se manter pendurado e balançando sozinho. Tendo superado esta etapa, João começou a dar impulso sozinho, impulsionava o corpo dobrando as pernas para se balançar, subia na escada de espuma para alcançar o trapézio e as argolas sozinho, sem a intervenção do adulto, nestes momentos contava com a ajuda dos colegas para carregar a escada.

Este episódio evidencia como a mediação do professor pode contribuir para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Pois segundo COELHO (2010)

...com o desenvolvimento de um currículo e de uma pedagogia criativos, em que a mediação social favoreça o movimento compensatório que o defeito imprime na personalidade da criança, há a indicação do benefício potencial da relação com a coletividade, da colaboração e da interação com os outros, bem como com outras

crianças que se encontram à frente no desenvolvimento.
(p.63)

E é neste contexto que passamos a falar da mediação aluno/aluno durante nossa intervenção pudemos observar este processo em dois momentos conforme descrito abaixo:

a) quanto a relações espontâneas

Das relações espontâneas citamos a cooperação, esta é definida por Franz (2001, p. 242) como um processo social, embasado em relações associativas, na interação humana, pela qual um grupo de pessoas busca encontrar respostas e soluções para seus problemas comuns, realizar objetivos comuns, busca produzir resultados, através de empreendimentos coletivos com interesses comuns”.

Esta acontecia toda vez que um colega ajudava o outro a realizar determinada atividade, como: virar cambalhota, alcançar o trapézio, subir e se balançar no balanço de pneu.

Podemos ver isso no episódio do equilíbrio de objetos, onde exploramos equilibrar os pratos no cabo de vassoura e bolinhas de piscina e de tênis em tubos de papelão. Esta atividade envolveu toda a turma ao mesmo tempo, portanto, a troca de informação era constante, todos tinham algum conhecimento para trocar, sugeriam outros materiais aos colegas que não conseguiam, ensinavam com posicionar o objeto, propunham novos desafios, ajudavam uns aos outros. Os colegas ajudavam João, mostrando-lhe com fazer, oferecendo outros materiais que julgavam mais apropriados, ele, por iniciativa própria, trocava de material e tentava realizar os movimentos. Algumas vezes, ele conseguia; outras vezes, inventavam outra maneira de transportar os objetos.

b) quanto a relações mediadas

Trabalhamos além da cooperação a soluções de problemas e a tomada de decisões, pois assim nossos alunos poderiam acessar seu repertório motor, além de ressignificar movimentos culturalmente construídos e historicamente acumulados. De acordo com MELO (2010)

Na perspectiva em que o contexto da ação assume papel central no processo de desenvolvimento motor, o sujeito é considerado ator do seu próprio desenvolvimento. Dessa forma, em vez de trabalhar movimentos estereotipados, preconcebidos e mecanizados a intervenções da Educação Física, no contexto escolar, deveriam valorizar as ações em que os indivíduos resolvam problemas e tomem decisões em situações relacionadas com as suas experiências motoras (p.29)

Uma aula que exemplifica bem as relações mediadas visando a cooperação foi a que trabalhamos equilíbrio sobre a prancha (uma tábua de 50 centímetros de comprimento e 15 de largura sobre um cilindro de 15 centímetro de altura e 8cm de diâmetro) ou na tábua. Com minha ajuda e da estagiária, todos experimentaram o movimento. No segundo momento da aula, orientamos para que trabalhassem em grupo: dois colegas davam segurança enquanto outro colega realizava o movimento os grupos iam revezando.

Todos os alunos se mostraram muito solícitos em ajudar o colega e confiaram neles para ajudá-los. João participou dos dois momentos, porém teve dificuldade em equilibrar-se sobre a prancha, devido ao equilíbrio ser instável ele não conseguia manter o tônus muscular (KLEINHANS, 2006) por isto suas pernas começavam a tremer, mas com minha intervenção ou dos colegas participou de todas as aulas.

Outro momento que pode exemplificar a resolução de problemas e a tomada de decisão foram aulas no balanço onde cada criança era incentivada subir no balanço sozinha e inventar formas novas de se balançar, desta forma, eles precisavam recorrer as suas experiências motoras para resolver os problema que se apresentavam durante as aulas e tomar a decisão de usá-las ou não.

Neste momento, passamos ao terceiro objetivo descrever e analisar possibilidades e desafios de intervenção para inclusão dos alunos deficientes nas aulas de Educação Física a partir da experiência relatada no objetivo geral. Através do envolvimento do João nas aulas percebemos que ele foi incluído na turma, isto ficou bem claro na mediação aluno/aluno nos momentos de

cooperação ou em que ele era solicitado com companheiro para as atividades ou brincadeiras.

Além da mediação aluno/aluno, trazemos também a mediação professor/aluno como uma possibilidade para inclusão do aluno nas aulas de educação física. Durante o trabalho com a temática Circo, realizamos intervenções variadas no grupo 4 A, porém as situações de intervenção individualizadas visando atender as necessidades do educando contribuíram muito para seu aprendizado além de promover um ambiente inclusivo. Segundo Santos; Gil & Barbato (2010 p.261) “concretizar a inclusão escolar de uma criança com qualquer deficiência implica uma mudança paradigmática, um deslocamento da ótica da falta para o potencial. Significa potencializar suas habilidades em detrimento de focalizar ou exaltar suas dificuldades.”

Apesar da limitação fisiológica destacada pela hipotonia, em alguns momentos durante a intervenção foi possível o estímulo das capacidades físicas e o desenvolvimento de habilidades básicas Segundo MELO (2010)

A fase motora fundamental ou das habilidades básicas vai dos dois aos seis anos de idade e é considerada com o período crítico no processo de desenvolvimento motor. Considerando que, no desenvolvimento motor, as aquisições futuras incorporam as aquisições motoras anteriores, a habilidades básicas são fundamentais para a constituição das habilidades específicas. (p.25)

Um dos desafios encontrados foi as situações de intervenção individualizada, pois, ao mesmo tempo, a equipe precisava intervir também junto aos outros alunos, isto só foi possível devido a presenças da estagiária na turma e ao fato de juntarmos as turmas 4 A e 4 B no mesmo espaço, realizando aulas conjuntas com as duas professoras de educação física. Isto nos permitiu duas intervenções ao mesmo tempo.

O espaço físico reservado para Educação Física era outro desafio, porque, além de ser pequeno, ficava junto ao portão de entrada da escola e era usado para outras coisas como: local de espera para as pessoas que chegavam atrasadas, apresentações culturais que embora durasse apenas 30 minutos se estendia a mais de uma hora porque as pessoas ocupavam o local

fotografando, algumas pessoas estacionavam bicicletas e carinho de bebê no local. O horário de entrada se estendia de 07h00min as 07h40min de forma que a primeira aula acontecia sempre na sala de aula enquanto estávamos trabalhando a cambalhota, equilíbrio ou malabarismo era mais fácil, porém quando passamos a trabalhar a parte aérea ficou mais difícil, pois os aparelhos foram montados na parte reservada para que as aulas de Educação Física, isto reduzia o tempo de contato dos alunos com os recursos pedagógicos apropriados a prática que se pretendia.

Nosso último objetivo buscava analisar contribuições da educação física para a construção da escola inclusiva. Analisando as entrevistas realizadas com as professoras foi possível levantar algumas contribuições através de suas falas, conforme citado abaixo:

PROFESSORA 1 - O espaço escolar não é adaptado ao aluno, faz a inclusão dele como as demais crianças. Acredito no desenvolvimento do João, necessitando de estímulo em todas as áreas, principalmente em sua coordenação motora, as aulas de educação física propiciaram a ele a socialização e participação em tudo que foi planejado pela professora, ele chegava a sala de aula demonstrando estar feliz em ter feito aula.

PROFESSORA 2 - A Educação Física é uma disciplina que trabalha com a cultura corporal de movimento e acredito que ela contribui para o desenvolvimento integral da criança nos aspectos sociais, cognitivos, afetivos e principalmente motor, não só da criança deficiente, mas da criança da Educação Infantil.

A Educação Física contribui para a construção de uma escola inclusiva à medida que integra saberes e fazeres diferentes dentro de um mesmo contexto. De acordo com Kelman (2010 p.43), os valores da escola inclusiva propiciam aos seus alunos o contato com a diversidade e o subsequente respeito ao diferente.

Durante a intervenção percebemos vários momentos em que a contribuição desta área de conhecimento esteve presente, momentos de cooperação e de ajuda, de mediação por parte dos colegas e da equipe, momentos de integração e celebração de um trabalho vivenciado não só pelos alunos ou pela equipe de educação física, mas por toda comunidade escolar, pois o circo “invadiu” a sala de aula: as crianças comentavam, professoras e funcionários compareciam na quadra experimentavam brincar de Circo se penduravam no trapézio subiam na perna de pau.

Podemos dizer que ele foi para casa também uma vez que participação dos pais e responsáveis foi ativa, durante todo projeto recebemos muitos comentários, eles se colocavam à disposição para ajudar no que precisássemos, alguns enviaram materiais como fantasias, nariz de palhaço, chapéus, dentre outros. Quando solicitamos às famílias que enviassem as crianças fantasiadas, a grande maioria atendeu ao nosso pedido. Muitos familiares e outras pessoas da comunidade procuraram a escola para perguntar se podiam assistir ao mini picadeiro, entretanto, devido à falta de espaço físico para comportar tanta gente e ao próprio objetivo da vivência não foi possível abri-la aos pais.

Assim acreditamos que a educação contribui na construção de uma escola inclusiva na medida em que integra pessoas, sentimentos, ações e saberes diferentes, quando tece reflexões sobre os significados e sentidos que as ações corporais tem dentro da escola e na vida dos indivíduos envolvidos pois como diz Lovisolo (1999), o professor de educação física deve ajudar na construção da emoção de sentirmos a potência da vida no próprio corpo. Esta, talvez, seja sua singularidade

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quais as possibilidades e desafios surgem de uma experiência de intervenção realizada durante as aulas de educação física visando à inclusão de alunos deficientes? Quais as formas de mediação podem surgir deste processo? Como esta área de conhecimento pode contribuir para a inclusão e desenvolvimento destes alunos? E qual sua contribuição para a construção da escola inclusiva? Essas foram as questões que permearam toda essa pesquisa que tinha por objetivo analisar e descrever o processo de intervenção visando à inclusão de alunos deficientes nas aulas de Educação Física na educação infantil a partir do tema Circo.

Podemos dizer que apesar dos desafios como: falta de espaço para a prática e a dificuldade para realizar as intervenções individualizadas foi possível vislumbrar muitas possibilidades de intervenção, através da temática do Circo. Através desta temática conseguimos criar um ambiente lúdico, ou seja, um ambiente de possibilidades de aprendizagem porque o lúdico cria zonas de desenvolvimento proximal que pode transformar o desenvolvimento real em potencial a partir da experimentação de ações que em contexto convencional poderia não se conseguir (Vygotsky 1994). No decorrer da intervenção foi possível levar a magia do circo para dentro da escola, porque as crianças associaram os movimentos e ações que desenvolviam em sala de aula às apresentações que assistiram nos vídeos trabalhados em sala. O circo permitiu espaços de: troca de experiências, cooperação, mediação, desafios, euforia e alegria a todas as crianças participantes, deficientes ou não, e também às famílias e à equipe pedagógica. O circo criou o espaço possível da vivência de práticas corporais contextualizadas em um espaço específico, no caso, o circo, nas aulas de Educação Física. Não se tratava de uma aula de educação física convencional, mas de experiências corporais imersas numa cultura específica, que propiciava um ambiente criativo voltado para as competências dos sujeitos e superação das limitações impostas pela deficiência ou pelas características pessoais de cada um, haja vista que a intervenção foi para todos.

Quando chegávamos à sala de aula, as crianças ficavam eufóricas queriam saber com que parte do circo iríamos brincar. Eles ajudavam a carregar o material, ajudavam os colegas que estavam com dificuldade, às vezes,

demonstravam medo do desconhecido que logo era superado e transformado em desafio e o desafio em superação. Podemos dizer que a experiência foi muito rica para os pequeninos e para os adultos também, pois à medida que a intervenção acontecia, novas dificuldades e desafios surgiam como, por exemplo: como trazer a parte área do circo para dentro da escola? Como fazer João vencer hipotonia muscular que estava limitando seu desenvolvimento? Ou ainda, o que fazer quando a chuva nos deixou sem espaço para realizar o mini picadeiro? Todos esses desafios se tornaram, como bem coloca Vygotsky (1994), estímulos para novas resoluções. Estas limitações nos instigaram a criar novas formas de intervenção, a repensar e reinventar nossa prática.

Para fazer pesquisa-ação, foi preciso pensar, planejar, executar, registrar as vivências e experiências, adaptar as atividades e assim por diante. Durante estes quatro meses, vivemos a experiência da pesquisa e da ação ao mesmo tempo. As duas ações se misturavam na desafiadora tarefa de implementar aulas de educação física contextualizadas ao espaço lúdico do circo e das crianças.

Enfrentamos dificuldades para realizar a coleta de dados como, por exemplo, só era possível fazer anotações no diário de campo depois das aulas, filmar ou fotografar as aulas muitas vezes não foi possível, pois a necessidade de intervir era mais urgente, ou, para analisar todos os dados coletados, como lidar com tantos dados descrevê-los e analisá-los à luz da teoria sem deixar de lado a importância da prática, porém podemos dizer que as duas se complementam e que uma enriquece a outra.

Acreditamos que intervenções como as apresentadas nesse estudo evidenciam o papel da educação física como promotora do desenvolvimento integral das crianças, integrando o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor. Percebemos que a intervenção na educação física pode ir além dos “muros” da quadra e integrar ações da escola como um todo. Adultos e crianças, crianças e crianças vivenciaram e evidenciaram, neste estudo, as possibilidades que se abrem no trabalho coletivo, contextualizado à cultura infantil e, também, à cultura corporal de movimento.

REFERÊNCIAS

- AYOUB, E.; **"Reflexões sobre a Educação Física na Educação infantil"**, 11/2001, Revista Paulista de Educação Física, Vol. 4, pp.53-60, São Paulo, SP, BRASIL, 2001.
- BRACHT, V; e GOMES, I. M. **Pesquisa e docência em Educação Física**. Núcleo de Educação Aberta e à Distância. Vitória. UFES. 2010
- BRANDL, Carmem Elisa H. **A Consciência Corporal na Perspectiva da Educação Física**. Revista do Conselho Federal de Educação Física, v.26, n.3, 2002. p. 31
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. _____ . Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.
- Ministério de Educação e do Desporto. **Parâmetro curricular nacional terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental - Educação Física**. Brasília, DF: MEC, 1998.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília: MEC, 1996.
- _____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **Educação Inclusiva: a fundamentação filosófica v.1**. Coordenação geral SEESP/MEC; organização Maria Salete Fábio Aranha. Brasília, 2004. 28p.
- _____. **Conferência Nacional De Educação (CONAE)**, 2010, Brasília, DF. *Construindo o Sistema Nacional articulado de Educação: o Plano Nacional de Educação, diretrizes e estratégias; Documento Final*. Brasília, DF: MEC, 2010b. 164p. Disponível em: <http://conae.mec.gov.br/images/stories/pdf/pdf/documentos/documento_final.pdf>
- CAIXETA, J.E. (2004). **Guardiães da memória: tecendo significações sobre si, suas fotografias e seus objetos**. Tese de. Universidade de Brasília. 2006
- COELHO C. M. M. Inclusão escolar. In: M. B. T. RAPOSO; D. M. A. MACIEL, **Desenvolvimento humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília: UNB, 2010 p. 55-72
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FRANTZ; W. **Educação e cooperação: práticas que se relacionam.** Sociologias, Porto Alegre, ano 3, nº 6, jul/dez 2001, p. 242-264

KELMAN C. A; Sociedade Educação e Cultura. In: M. B. T. RAPOSO; D. M. A. MACIEL, **Desenvolvimento humano, Educação e Inclusão Escolar.** Brasília: UNB, 2010 p. 11-52

LOVISOLO; H. **Da educação física escolar: intelecto, emoção e corpo.** Motriz, Set/Dez 2002, Vol.8 n.3, pp. 99 – 103

MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo... e 'mente':** bases para a renovação e transformação da educação física. 9 ed. Campinas: Papyrus, 1987.

MENDES E. G., **A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil.** Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 33 set./dez. 2006 387

MELO; A. S. **Comportamento Motor.** Núcleo de Educação Aberta e à Distância. Vitória. UFES. 2010

PALANGANA. I. C, **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky a relevância do social.** São Paulo: Sannuns, 3ª Edição, 2001.

RICHARSDON R. J. Pesquisa Social. 3ª edição, São Paulo: Editora Atlas 1996.

RAPOSO; D. M. A. MACIEL, Metodologia e construção do conhecimento: contribuições para o estudo da inclusão. In: M. B.T. RAPOSO; D. M. A. MACIEL, **Desenvolvimento humano, Educação e Inclusão Escolar.** Brasília: UNB, 2010 p. 73-101.

PEREIRA, L. T. K., GODOY, D. M. A. & Terçariol, D. **Estudo de Caso como Procedimento de Pesquisa Científica: Reflexão a partir da Clínica Fonoaudiológica.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 22(3), 422-429. 2009. Disponível em:<<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 27 de Fev.2010.

POZZEBON, M.; FREITAS H.M.R. **Pela Aplicabilidade -com um maior Rigor Científico- dos Estudos de Caso em Sistemas de Informação.** RAC, v.2, n.2, Maio/Ago. 1998. Disponível em:<<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 27 de Fev.2010.

RIBEIRO J.C.C.; Mieto G.; Silva D.N.H; **A produção do fracasso escolar.** In: M. B.T. RAPOSO; D. M. A. MACIEL, **Desenvolvimento humano, Educação e Inclusão Escolar.** Brasília: Brasília: UNB, 2010 p. 189-203

SILVA, Maria de Fátima Minetto Caldeira; KLEINHANS, Andréia Cristina dos Santos. **Processos cognitivos e plasticidade cerebral na Síndrome de Down**. Rev. bras. educ. espec. v.12 n.1 Marília jan./abr. 2006. Disponível em:<<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 23 Jun 2009.

SANTOS P. F.; GIL I. L. C.; BARBATO S. **O aluno com deficiência física na escola**. In: M. B.T. RAPOSO; D. M. A. MACIEL, Desenvolvimento humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: UNB, 2010 p. 259-268

TRIP; D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p. 443-466,set/dez.2005

TUNES; E; TACCA M.C.V.R; BARTHOLO R. S. J. **O professor e o ato de ensinar**. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 126, p. 689-698, set./dez. 2005.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ANEXOS

A - TERMO DE ESCLARECIMENTO DA PESQUISA CIENTÍFICA (MODELO)

Eu, Vivianne Flávia Cardoso, estudante de Pós-Graduação no Curso de Especialização Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar - EsDH, realizado pela UnB, estou desenvolvendo uma pesquisa que tem por objetivo descrever e analisar o processo de inclusão de alunos deficientes nas aulas de Educação Física na educação infantil.

Esta será uma pesquisa descritiva, um relato de experiência do projeto “O Circo” realizado no segundo semestre de 2010, onde pretendo descrever e analisar possibilidades e desafios de intervenção para inclusão dos alunos deficientes nas aulas de Educação Física na Educação Infantil, além de analisar contribuições desta área de conhecimento na vida escolar destes indivíduos e para a construção de escola verdadeiramente inclusiva.

Vivianne Flavia Cardoso

B - TERMO DE CONSENTIMENTO DO/A PARTICIPANTE (MODELO)

Eu, _____, DECLARO que fui esclarecida/o quanto aos objetivos e procedimentos do estudo pelo pesquisador e CONSINTO participação meu filho neste projeto de pesquisa, bem como o uso dos dados para fins de estudo, publicação em revistas científicas e/ou formação de profissionais.

Vitoria, ____ de _____ de 2010.

C - Avaliação descritiva do aluno realizada pela professora regente do grupo 4 A

Prefeitura Municipal de Vitória

“Escola COLIBRI⁷”

Relatório de acompanhamento 2010/2

Aluno: João⁸

Turma: 4 A

O aluno retornou ao ambiente escolar demonstrando alegria ao rever os amigos e os funcionários do CMEI. Mostra-se sempre muito alegre, participativo e carinhoso.

Seu relacionamento com os amigos é afetivo, dificilmente se envolve em conflitos, suas brincadeiras são harmoniosas e tranqüilas. Está sempre envolvido em grupos para brincar e é solicitado para ser companheiro de muitos nas brincadeiras. Aceita bem os combinados do grupo e se esforça para segui-los. Desloca-se pelos ambientes escolar e segue o grupo.

Gosta de brincar com os colegas de carrinhos, peças de encaixe e bonecos, se concentra em uma brincadeira, mudando quando sente necessidade. O lúdico e o jogo simbólico estão muito presentes em suas brincadeiras, principalmente na música, na dança e nas dramatizações que envolvem fantasias de animais, adora se vestir de coelho. Agradava-lhe brincar com o colega Z.

Seus desenhos são realizados com prazer e atenção, gosta de usar a folha, ocupando vários espaços. Gosta de ser elogiado, sente-se orgulhoso e feliz.

Com o projeto, O espetáculo das brincadeiras, percebo como gosta de pular amarelinha, pular elástico, jogar bola, manusear fantoches e usar fantasias de animais.

A aula de campo que tivemos no Parque da Vale ajudou muito no desenvolvimento e envolvimento da criança. Pode aproveitar cada espaço e interagir com o grupo nas brincadeiras.

Incentivo a falar sobre situações vivenciadas, ele sempre mostra um belo sorriso, e repete as palavras que falo. Gosta de pegar qualquer objeto e imitar como se estivesse ao telefone. Faz tentativas de conversa e gesticula.

Reconhece sua primeira letra com auxílio da ficha, porém ainda possui dificuldade em traçar as letras de seu nome.

No pátio se envolve muito num cantinho de areia em baixo da árvore, gosta de manusear e fazer de conta.

O aluno tem aproveitado muito bem tudo que lhe é oferecido e vem se desenvolvendo a cada dia, com as vivências de novas situações e atividades prazerosas oportunizadas, muitas conquistas e crescimento irá alcançar. Desejo ao aluno e a família muitas felicidades e avanços que virão para frente. Tê-lo em meu grupo este ano tem sido um imenso prazer.

Vitória, dezembro de 2010.

⁷ Nome fictício

⁸ Nome fictício

D - Informe Metodológico 2010/2 - Educação Física

Grupo: 4 A

Na Educação Física, nesse segundo semestre, trabalhamos o universo do Circo. O objetivo foi oferecer vivências motoras utilizando os instrumentos do circo, como: as argolas, trapézios, perna de pau, malabares, swing poi, balanços e etc. Trabalhamos também com alguns personagens com o palhaço, equilibrista, malabarista, trapezista e bailarina.

Para realização do trabalho contamos com um mini picadeiro montado na quadrada escola, bem como, recursos multimídia e histórias sobre o palhaço. Iniciamos nossos trabalhos com as famosas cambalhotas e em seguida trabalhamos com o equilíbrio (andar sobre pontes, sobre cordas, tábua de equilíbrio, pé de lata e perna de pau) e o equilíbrio de objetos (bolas e pretos no cano de papelão) e malabarismo com bolas e bastões (diabolô).

As crianças foram se envolvendo e se encantando com o mundo do circo e então começamos o trabalho com a parte aérea onde contemplamos o elemento artístico do mais expressivo da cultura do circo: os trapézios; também incluímos as argolas e o balanço de pneu explorando movimentos de suspensão, giros, pegada, balanço, quedas e posturas estáticas, posição invertida e outros.

Para finalizar nosso trabalho, no dia 19/11/10, realizamos o dia do mini picadeiro, para eleger as vivências nas aulas de Educação Física, onde todas as turmas puderam participar e se expressar, assistimos um teatro de bonecos e uma apresentação de malabares, swing poi e lenço chinês e encerramos este dia com um pequeno baile.

Equipe de Educação Física